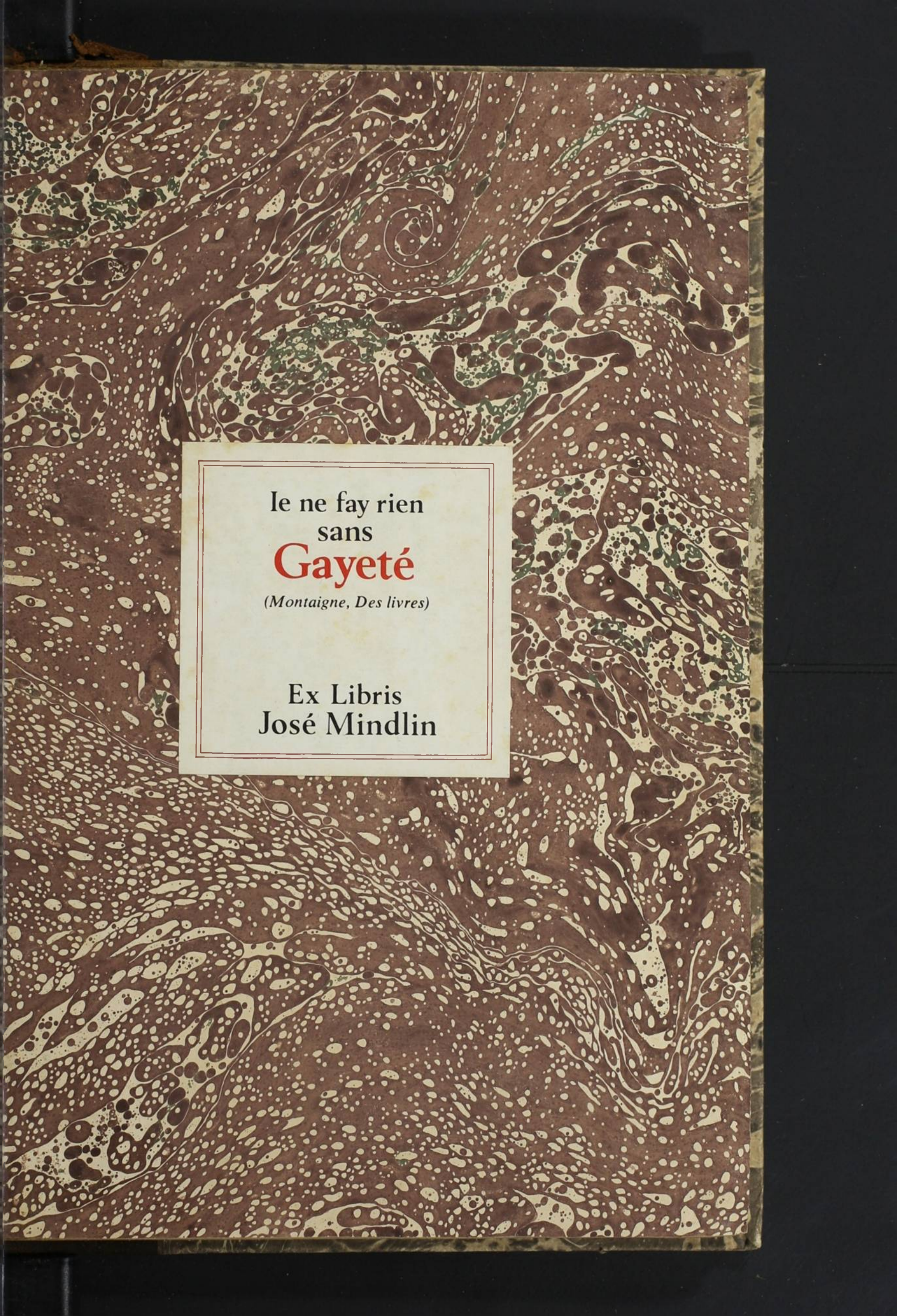


EX-LIBRIS



RUBENS BORBA  
ALVES DE MORAES

The image shows the front cover of a book. The cover is decorated with a complex marbled pattern in shades of brown, tan, and cream, featuring organic, swirling shapes. A central white rectangular label with a thin red border contains the title and author information.

le ne fay rien  
sans

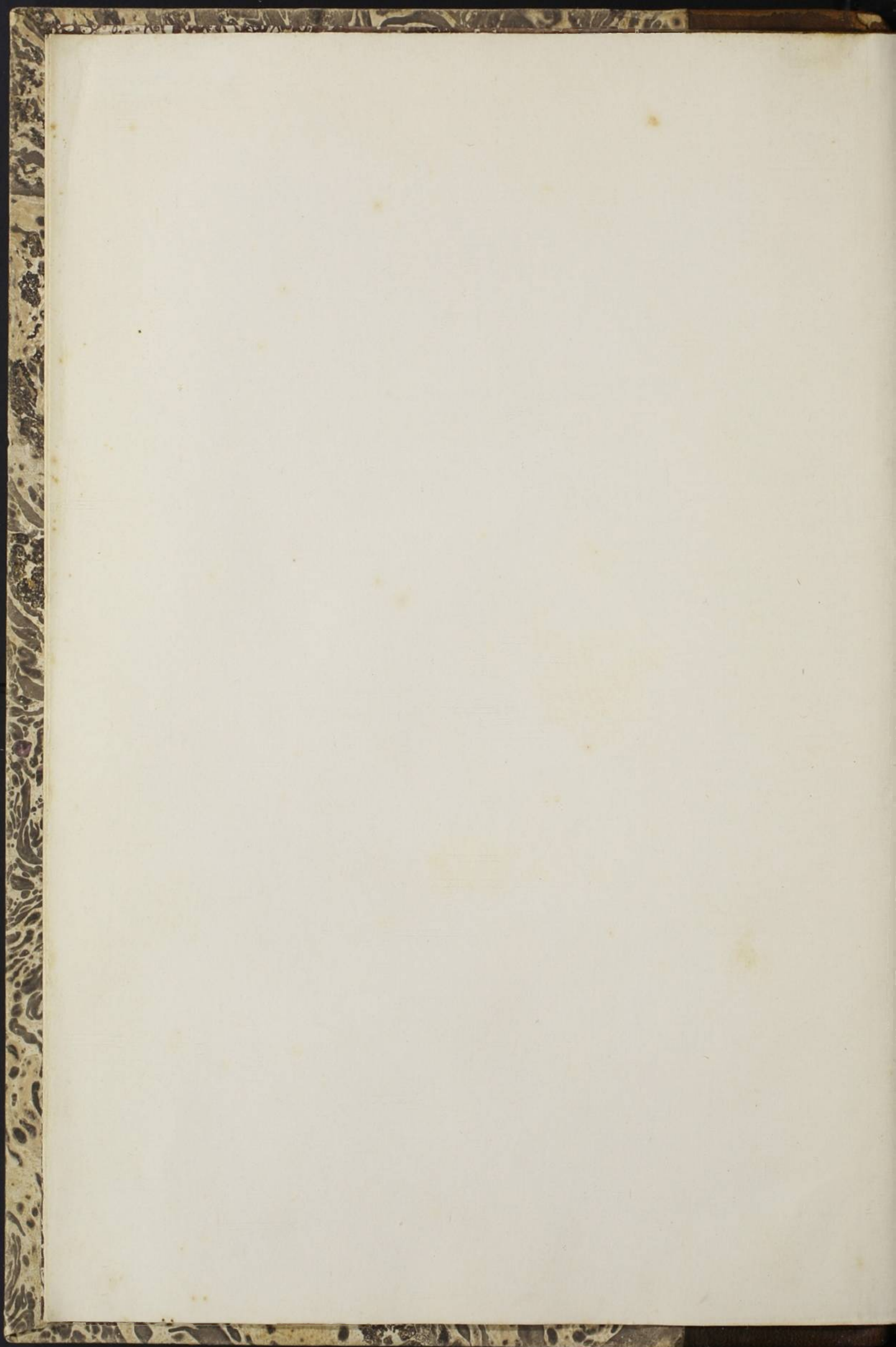
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin

ENCADERNAÇÃO  
A. NARDI





# CORYMBOS

POR

L. GUIMARÃES JUNIOR

*Aimer, prier, chanter, voilà toute ma vie.*

LAMARTINE.



**RECIFE**

TYP. DO CORREIO PERNAMBUCANO

RUA DE S. FRANCISCO N. 2

1869.

AMÉRICO F. MARQUES

Livreiro Antiquário

R. da Misericórdia, 92-1.º

Telef. 34977 Lisboa

N.º 995

COLEÇÃO

OS GUERRA E A PAZ

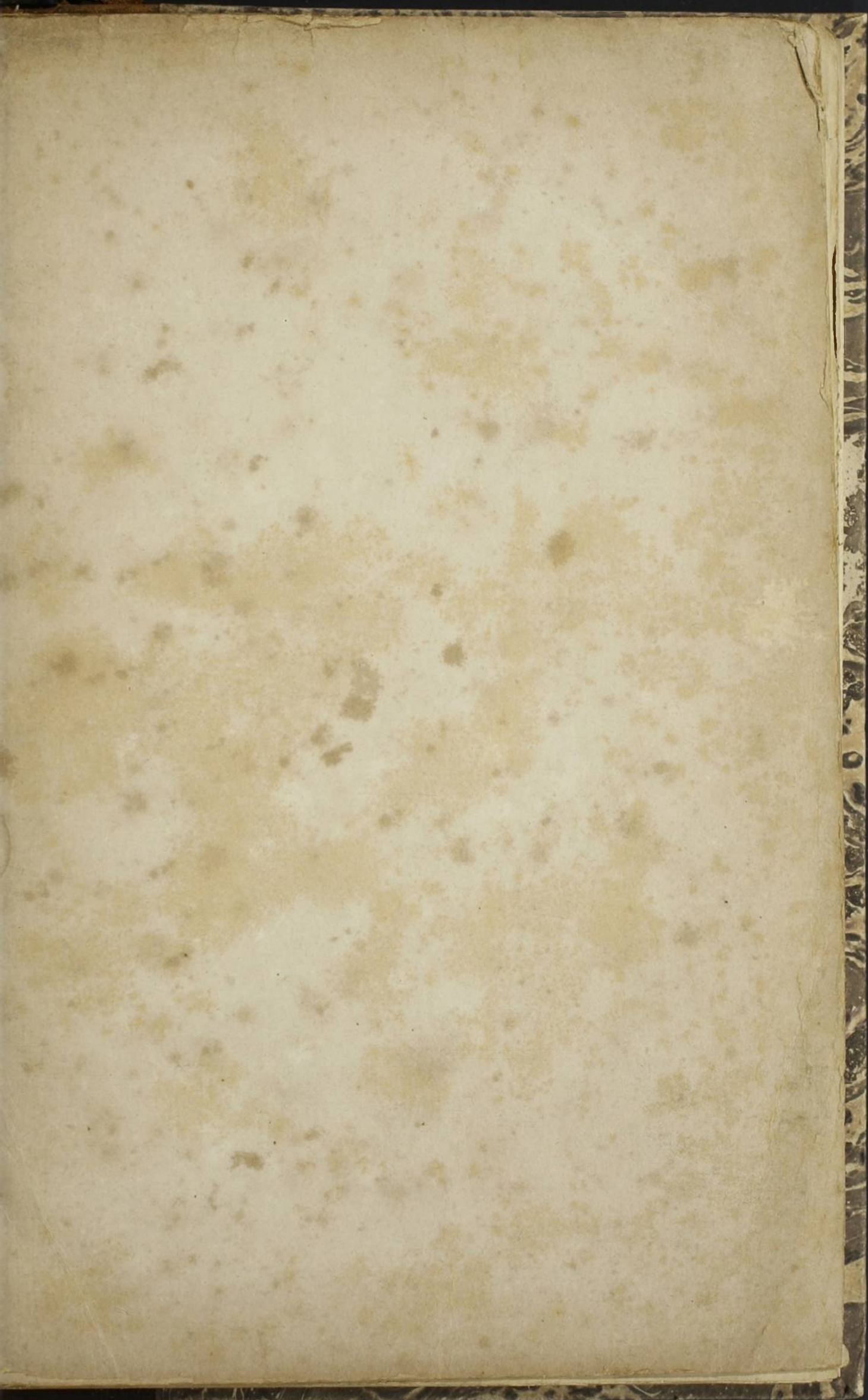
OS GUERRA E A PAZ

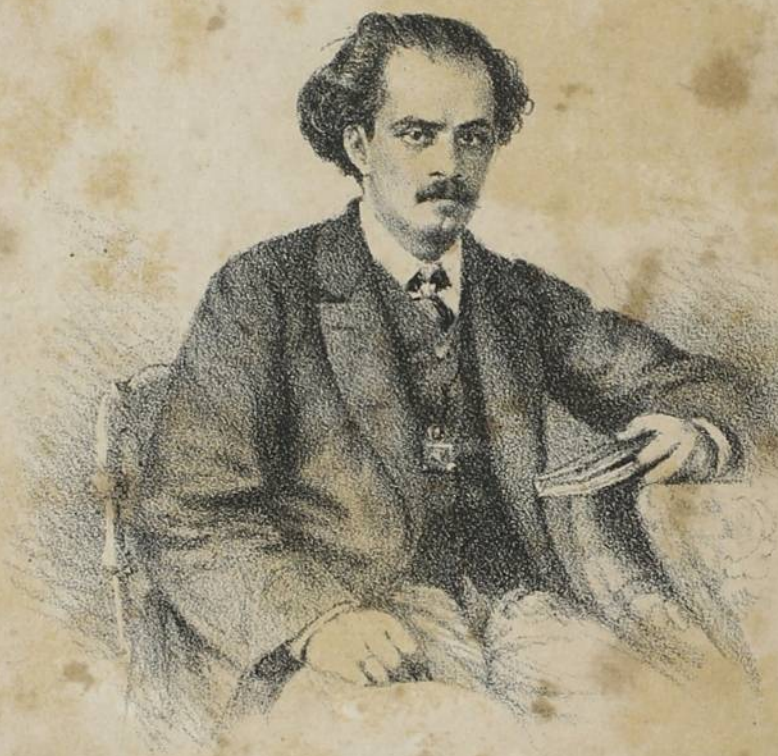
OS GUERRA E A PAZ

OS GUERRA E A PAZ

OS GUERRA E A PAZ

1888

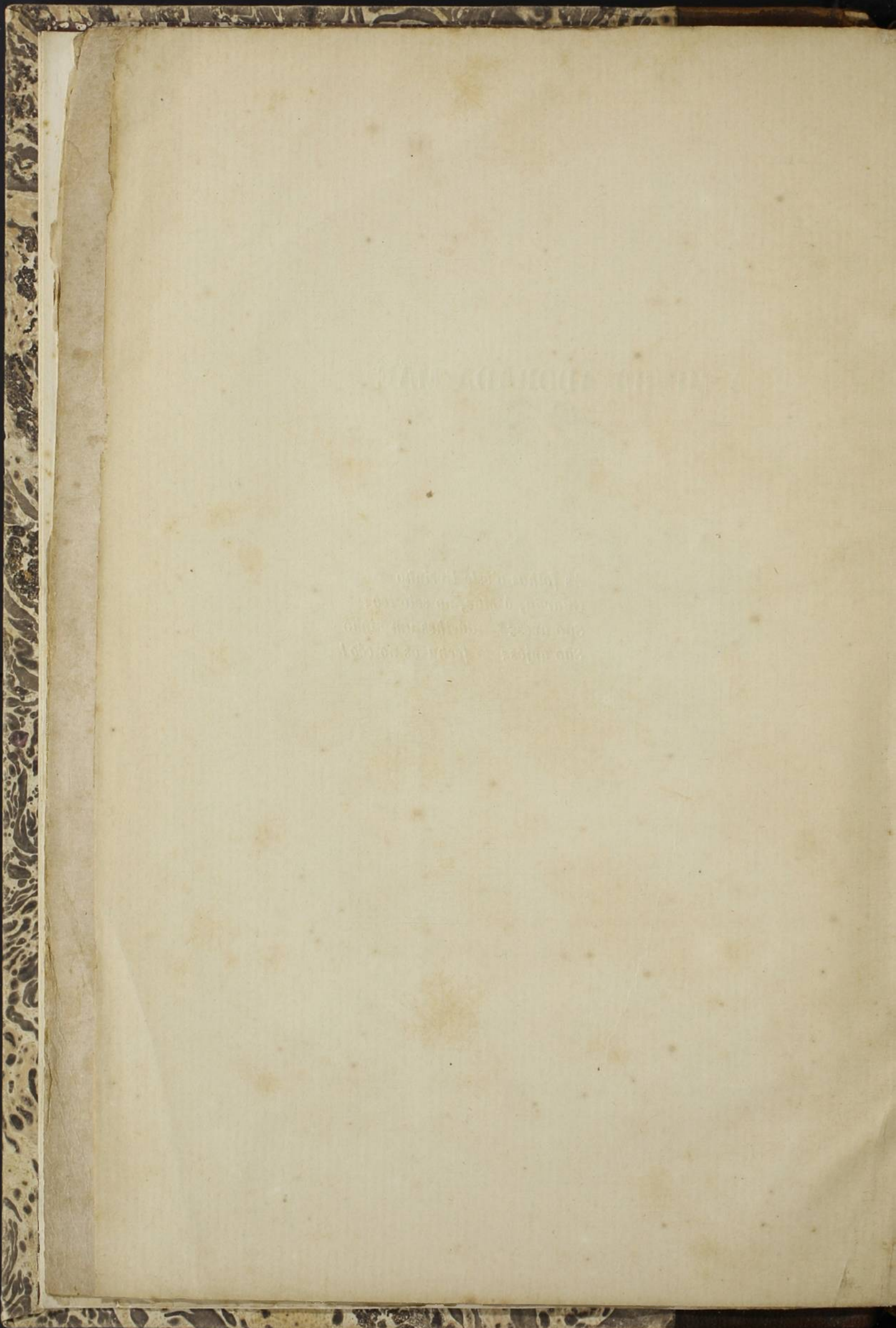




L. GUIMARAES JUNIOR.

## A MINHA ADORADA MÃE

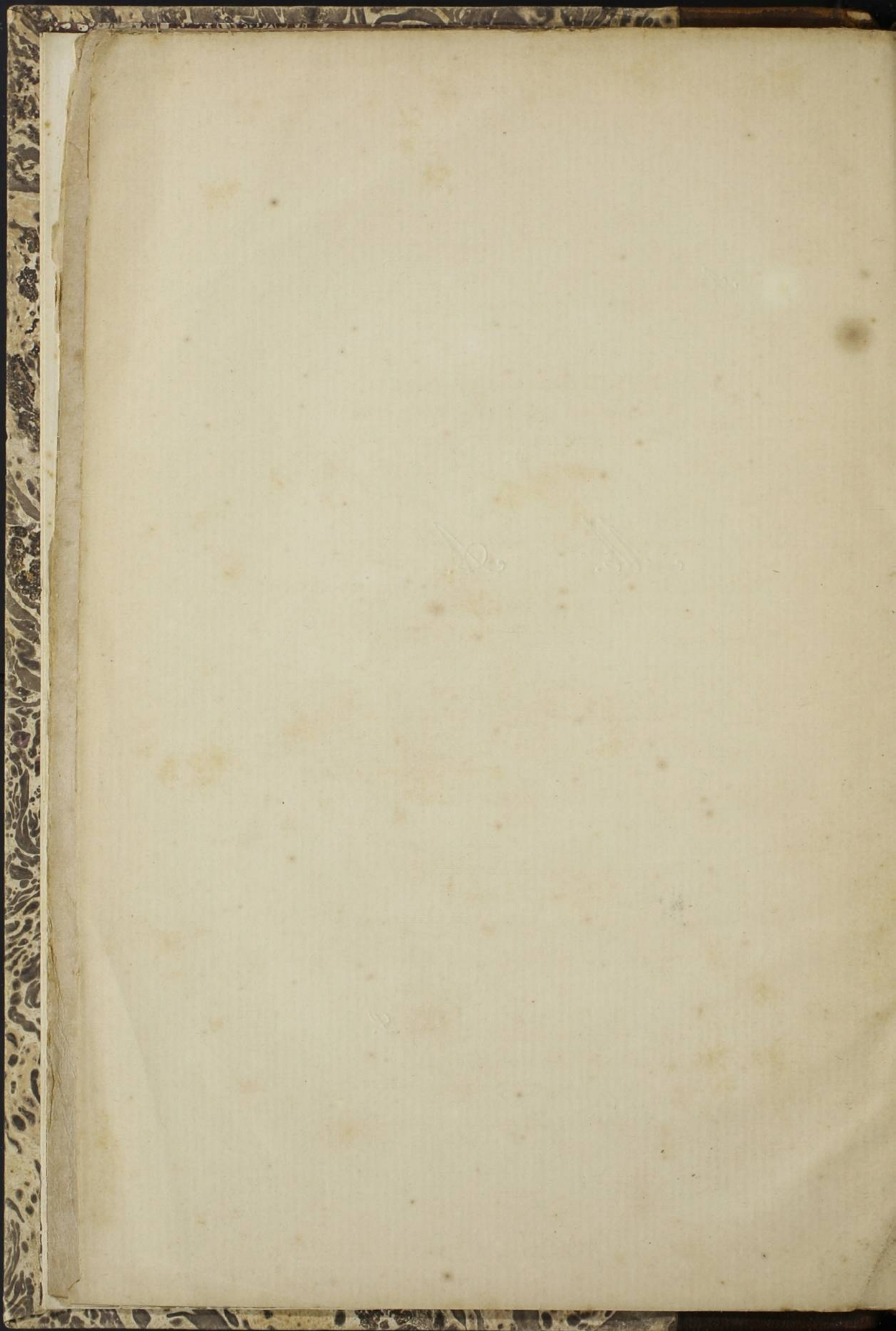
*As folhas d'este livrinho  
Guarda, ó Mãe, no seio teu :  
São aves : — dá-lhes um ninho —  
São anjos : — fecha-os no céu !*



A

M. A.

L.



CORYMBOS

## INTIMA

(1866)

L'amour sait tout franchir, et bienheureux qui laisse  
La sueur de son front aux pieds de sa maîtresse!

*Alf. de Musset.*

Tu és a nuvem de iriante prisma  
Onde minh'alma pensativa mora:  
Tu és a urna em que minh'alma chora,  
Tu és a esphera em que minh'alma scisma!

Vaguei perdido, delirante, ardente,  
Do mundo esteril no areial maninho,  
E em teu regaço fui achar o ninho  
Onde cantava o meu amor nascente.

CORYMBOS

Fitei sombrio a vastidão sem véus :  
No seio d'ouro da celeste altura  
Eu vi a estrella fulgurar mais pura  
E um novo encanto illuminar os ceus...

Voltei á terra, aos infernaes escolhos  
Á campa immensa onde a ventura finda :  
Tremi de medo ! vi mais luz ainda :  
Eu vi na terra os teus divinos olhos !

Ah ! como sombra que a vagar delira  
De infausto abysmo atravessando as bordas,  
Tentei de novo acarinhar as cordas  
Da já partida e desprezada lyra :

Ao som plangente despertei teus passos,  
Vieste e eu pude sem manchar o archanjo,  
Beijar-te as azas virginaes, meu anjo,  
Ter-te, mulher, em meus cançados braços !

Depois vagámos sobre as ondas cérulas  
Ao som divino dos mais puros cantos :  
Fiz-te um collar dos meus sagrados prantos,  
Lagrimas sim ! e não mentidas perolas !

O mundo escravo nos fitou senhor :  
E a setta impura, a venenosa setta,  
Ferio-te, archanjo, e me prostrou poeta,  
Viuvo e noivo do mais casto amor !

CORYMBOS

Hoje exilado as solidões percorro,  
Embalde, embalde tento unir-me a ti!  
A terra folga, a natureza ri  
E ao som das festas eu nas festas morro!

Meu pensamento se cobrio de luto  
E é meu castigo divagar sem tino,  
Colhendo as palmas que inspirar n'um hymno,  
Banhado em pranto e com o semblante enchuto!

Ah! nem me é dado junto a ti morrer:  
Nuvem maldita sobre nós pairava:  
A lei covarde que te fez escrava,  
Fez-nos escravos d'um fatal dever!

Dever sublime em nossas almas cala!  
Venha a Justiça que este amôr algeme:  
Tu mostrarás um coração que geme,  
Eu mostrarei um coração que estalla!

— Olinda.

CORYMBOS

## SUPPLICA

(1868)

Queres saber onde minh'alma anciosa  
Depura a taça dos festins da vida?  
Onde ella sonha e se extasia e gosa,  
Núa de louros, — de ambições despida?

É nos teus labios, minha mãe querida!

Queres saber em que lugar medita  
Minh'alma á casta Inspiração unida?  
Onde meu ser illuminado habita  
Bem como a lua em fundo azul perdida?

É nos teus olhos, minha mãe querida!

CORYMBOS

Ah! se tu vires despontar o dia  
Em que minh'alma fôr por Deus colhida:  
Do morto a fronte macilenta e fria  
Antes de ser á terra conduzida,

Deita em teu seio, minha mãe querida!

— Recife.

CORYMBOS

## O FUTURO

(1867)

A la très chère, à la très-belle  
Qui remplit mon cœur de clarté!

— (*Charles Baudelaire.*)

Porque tal desalento e tamanha tristeza?  
Da rubra natureza entrega-te ao affan:  
O passado, Maria, é a treva espavorida,  
O futuro querida, é a estrella da manhan!

Desabafa em meu seio as ondas do teu pranto:  
Evoquemos o encanto, a virtude e o prazer:  
O passado, meu anjo, é a nuvem fugidia,  
O futuro, Maria, é o sol que vai romper!

CORYMBOS

Desfaz-te em luz, aurora! Ergue-te azinha, estrella!  
Se tu sabes ser bella, eu sei te idolatrar:  
O passado, Maria, é a voz da tempestade,  
Querida! a mocidade é o verde-azul do mar!

Porque tanta tristeza e tanto desalento?  
Despreza aos ais do vento os ais da tua dor:  
O passado, Maria, é o pó funereo e escuro,  
E o futuro? O futuro é mais que tudo, é o amor!

— Recife.

CORYMBOS

## CONSUELO

(1868)

A. M. E.

Melindroso e doce encanto  
Que dás sempre á minha dor,  
Uma gota do teu pranto,  
Um raio do teu fulgor;

Pallida e bella adorada,  
— Luz na minha escuridão —  
Em cuja hócca magoada  
Suspira o meu coração;

Lyra de dulia harmonia  
Onde o poder creador,  
Soube afinar a Poesia  
Pela musica do amor;

CORYMBOS

Favo de mel odoroso,  
Que á minha bôcca desceu,  
Virgem que excitas o goso,  
Anjo que apontas o céu;

Lyrio medroso e orvalhado  
Da aurora no alvorecer,  
Em cujo calix nevado  
Meu sonho vai se esconder;

Lampada eterna que véla  
Na minha negra afflicção,  
Tendo por luz uma estrella...  
Por oleo — a Consolação:

Visão de amor derradeira  
Que a meus olhos vem luzir:  
Minha lagrima primeira  
E meu ultimo sorrir;

Deus te poupe as amarguras,  
Que a minh'alma não pouppou!  
Deus te dê tantas venturas  
Quantas o céu me negou.

— Recife.

CORYMBOS

## AO NIEMEN

(MIÇKIEWICZ — 1868)

Oh meu rio natal ! Em vão procuro  
No teu regaço as vagas rescendentes,  
Onde estas mãos banhei inda innocentes,  
Certo da vida e do prazer seguro ;

De Laura em cujo olhar li meu futuro  
— Risonho cofre de meus ais plangentes,  
Guardou teu seio as graças refulgentes,  
Que eu perturbava com meu pranto puro :

CORYMBOS

Oh meu rio natal! Onde occultaste  
Tantas riquezas e thesouros tantos?  
Onde a minha ventura sepultaste?

Laura onde está? Aonde os seus encantos?  
Tudo mirrou-se como tu seccaste!  
Só vós! só vós não seccareis meus prantos!

— Recife.

CORYMBOS

## A GARÇA

(1868)

.....je regarde toujours  
Cher astre, tes yeux clairs à travers la mer sombre...

— *Xavier de Ricard.*

As negras ondas da vida  
Solitaria atravessando,  
Minh'alma — garça perdida,  
Vai gemendo e vai voando :

A correnteza fremente  
Sombria passa a arquejar,  
Mas a garça alvinitente  
Mal roça as azas no mar :

CORYMBOS

O céu pezado se espraia  
Chumbando a morna amplidão:  
Fica longe, longe a praia  
E não tarda a cerração;

Em que concavo se aninha  
A branca filha do mar?  
Porque minh'alma caminha?  
Onde est'alma vai pouzar?

Vai pouzar na fresca margem,  
Que entre as sombras vê luzir,  
Onde habita a tua imagem,  
Onde mora o teu sorrir;

A pobre garça fugindo  
Do vento ao louco furor,  
Vai dormir sonhando e rindo  
No ninho do nosso amor!

— . . . . .

-----

CORYMBOS

## A SEPULTURA D'ELLA

(1868)

A Plinio de Lima.

Nas longas noites estivaes, calmosas,  
Ao terno olhar da fugitiva estrella,  
Toda coberta de sereno e rosas,  
Como é formosa a sepultura d'ella!

O vento as folhas do chorão percorre,  
Os astros vagam na cerulea tella,  
E á luz dos astros que scintilla e morre  
Como é formosa a sepultura d'ella!

CORYMBOS

Nos alvos braços d'uma cruz repouza,  
Murcha e despida a virginal capella,  
E aos pés da cruz que lhe defende a louza,  
Como é formosa a sepultura d'ella!

O triste archanjo de funereo encanto,  
Que eternamente pelos mortos véla,  
Diz entre as azas escondendo o pranto:  
Como é formosa a sepultura d'ella!

E ás vezes quando a natureza irada  
Desdobra o manto que os fuzis revella,  
Cercada d'agua e de tufões cercada,  
Como é formosa a sepultura d'ella!

Alli a paz entrelaçada á morte  
Dorme entre as dobras da mortalha bella,  
Sem luz, sem vida, sem pharol, sem norte  
Como é formosa a sepultura d'ella!

Vai, oh minh'alma, oh pobre flor perdida,  
Ludibrio eterno de infernal procella,  
Vai-te abrigar dos temporaes da vida  
Na fresca pedra do sepulchro d'ella!

— Recife.

CORYMBOS

## SATAN

(1868)

Satan criando a Volupia  
Rio do Author da immensidade :  
Mas Deus do seio das virgens  
Fez surgir a Castidade.

O condemnado entre os homens  
Tentou lançar um vulcão :  
Satan criou a Vingança :  
Deus inventou o Perdão !

— Recife.

CORYMBOS

## RECUERDO

(1868)

D'un soir lointain je reconnais les fièvres  
Et mon cœur a senti refluer à mes lèvres  
Une fraîche saveur de baisers anciens.

*Léon Valade.*

Nós estavamos sós. Triste e saudosa  
Surgia a lua no elevado monte :  
Cheia de orvalho suspirava a rosa,  
Cheia de rosas suspirava a fonte.

Ao pé de nós a aragem murmurava  
Nos curvos ramos da mangueira em flor :  
Nos nossos labios a illusão cantava  
Nos nossos olhos despontava o amor.

CORYMBOS

Nós estávamos sós. Ella tremia  
Cravando o olhar nos mudos olhos meus :  
O que eu lhe disse, o que ella me dizia  
Foi um mysterio que sumio-se em Deus,

A natureza festival sorrindo  
Nos attrahia e nos forçava a amar :  
Dizia o céo: — como esse par é lindo !  
Dizia a Noite: — e como é bom sonhar !

Todo o mysterio que seduz e encanta,  
Tudo o que corta a solidão baixinho :  
O som d'um beijo, o estremecer da planta,  
O vôo da ave procurando o ninho ;

A folha secca que resvala e freme  
Da lua o raio solitario e vago,  
O molle orvalho que nas urzes treme,  
A sombra inquieta que perturba o lago ;

Tudo assistio ao virginal encanto  
Das nossas crenças para sempre unidas :  
Viram dois rostos confundindo o pranto,  
E duas almas confundindo as vidas !

As doidas phrases que a chorar dissemos,  
D'aquella noite na eternal mudez,  
O louco abraço, as juras que fizemos :  
— Não se repetem : fazem-se uma vez !

CORYMBOS

## SINHA'

(1868)

Peut-être alors, pour me donner le bonheur  
suprême, Dieu me changerait-il en ton cœur!

— *Mickiewicz, Elégies.*

Longe dos olhos teus, distante embora,  
Seguir teus passos meu amor virá:  
E no meio das festas e das danças,  
Has de sentir um beijo em tuas tranças;  
São meus lábios, Sinhá.

Quando dormires ninarei teu somno;  
E minh'alma contigo sonhará:  
Aos clarões da manhã terna e fagueira,  
Verás fugir da tua cabeceira  
Minha sombra, Sinhá.

CORYMBOS

Eu sei, querida, que o meu triste nome  
Sempre em teu labio asilo encontrará:  
Mas ah! se um dia a morte dolorida  
Arrancar de meu ser a força e a vida,  
Longe de ti, Sinhá,

Minh'alma ardente atravessando o espaço,  
Cheia de sombras e de luz virá,  
Como o filho que volta ao lar materno  
Dormir o somno do descanso eterno  
Nos teus braços, Sinhá!

— Recife.

---

CORYMBOS

## A BARCA (\*)

— QUADRO DE VUYLSTEKE —

A D. Antonio Casademunt

O sol morno, agonisante,  
Sepulto quasi no mar,  
Lançava á terra distante  
Um melancolico olhar!

Do dia a luz derradeira  
Rasgando a nuvem saudosa,  
Formava na agua fagueira  
Uma esteira luminosa;

(\*) Trad. de Charles Potvins.

CORYMBOS

Lá vai a barca erradia,  
Garbosa passa a correr,  
E fogem d'ella á porfia  
Os ruidos do prazer:

Na barca que vai singrando  
Moços, da vida na flor,  
Amor! bradavam cantando,  
E a vaga cantava:— Amor!

Um só, —na prôa sentado,  
Pallido e triste escutava  
O canto desenfreado:  
—Era o unico que amava!

—Recife.

CORYMBOS

## QUATORZE VERSOS

(1868)

Vai! Sê feliz! Meu coração magoado  
Desdenha a esmola do teu divo encanto;  
Para estancar as ondas do meu pranto  
Fora mister riscar o meu passado;

Teus olhos falsos, teu sorrir pensado,  
Da tua sedução todo o quebranto  
Dá-os a quem conhece o riso e o canto,  
Que eu da ventura vivo desterrado.

E

33

CORYMBOS

Para arrancar-me ao barathro profundo,  
Sem estrellas, sem bussola e sem norte  
Onde meu ser arqueja moribundo:

Só esse amor que inflinge leis á sorte:  
Amor sublime que esquecendo o mundo,  
Crava os olhos em Deus e os pés na morte!

— Recife.

CORYMBOS

## NOITE DE ESTIO

(1867)

A Noite entornava do seio os encantos :  
Da noite nos mantos tremia o luar...  
Que aromas, que beijos, que loucos amores,  
Da terra nas flores — nas ondas do mar!...

E os genios, os sylphos, as fadas corriam,  
E as auras sorriam da noite entre os véos...  
— Amor! era a nota voando perdida  
Da lyra adormida nos braços de Deos!...

CORYMBOS

Que festas ! que raios ! que orchestra divina !  
Que loira neblina, que esplendida luz !  
A pallida Venus das nuvens fugindo  
Beijava-se rindo nas ondas azues !

E a tudo assistia minh'alma entre prantos,  
Meu peito de encantos e crenças já nu :  
Faltava-me um astro, faltava-me a vida :  
Querida ! Querida ! faltavas-me tu !

— Olinda.

CORYMBOS

## ESTANCIAS

(1868)

— Tu te gonfles, mon cœur?... Des pleurs, le croirais-tu,  
Tandis que j'écrivais ont baigné mon visage.

— (*Les Vœux Stériles.*)

Dá-me a ventura que fugio contigo  
Dá-me uma flor das flores que voaram :  
Ao pé de mim, Maria, aqui comigo  
Só lagrimas ficaram.

À minha voz já não responde um eco :  
O vento nos meus pés geme expirando  
E do nosso jardim deserto e seco  
As rosas vão secando.

CORYMBOS

As andorinhas que tu vias d'antes  
Do céu da tarde as nevoas percorrendo,  
Já vão longe, Maria, já distantes,  
Que o inverno vem descendo.

Na quieta face da lagôa fria  
Onde ambos nós vogavamos sorrindo,  
Não vejo mais teu rosto, não, Maria,  
Que as trevas vem cahindo.

Se ás vezes ouço o teu vestido branco  
Turbar das noites a mudez sombria,  
Chego tremendo, — apalpo a relva e o banco:  
É tudo vão, Maria.

Parece ás vezes, meu amor, parece  
Que a tua voz responde á voz da lyra:  
Mas não! é a folha seca que estremece,  
É o vento que suspira!

Perdida estás, visão do meu passado!  
E vós, meus dias, vós ireis passando,  
Como as aguas d'um rio abandonado  
Na escuridão rolando...

Nem uma rosa boiará nas agoas.  
Nem de estrellas um raio fugidio:  
Curtindo penas e espalhando magoas,  
Irás secando, oh rio!

CORYMBOS

Irás secando. E o pé lasso e pezado  
Do viajante calcará sem medo,  
A campa que sepulta o meu passado  
E fecha o meu segredo.

Quem saberá que alli n'aquelle canto  
N'aquella relva festival, macia,  
Dormem meus ossos, meu amor, meu pranto?!  
Nem tu, nem tu, Maria!

— Olinda.

CORYMBOS

VERSOS AZUES

(1867)

Pódes mentir, minha louca :  
Ninguem mente n'essa idade,  
Mentira na tua bôca  
É dôce como a verdade.

Mentira tão innocente,  
Meu louro e pallido archanjo,  
É como um véo transparente,  
Que cobre os labios d'um anjo.

CORYMBOS

Quando me dizes sorrindo,  
Que não crês no meu amôr,  
Não vês que estão te trahindo  
A falla, o seio, o rubôr?

E que a voz que assim se exprime  
Que assim vibra a suspirar,  
Nega em lagrimas o crime  
De que tentou se accusar?

Oh! primavera encantada!  
Oh! minha santa visão!  
Nuvem de estrellas bordada,  
Que fecha o meu coração;

Minh'alma dorme esquecida  
Nos lyrios do seio teu,  
Como a gazella ferida  
Que entre as moitas se escondeu.

Não mintas mais, minha louca,  
Que enquanto estás a mentir,  
Deixo de ouvir tua bôca  
Para ler em teu sorrir...

A fonte clara e faceira  
Que ao longe vês serpejar,  
Queira por bem ou não queira,  
Sempre vai cahir no mar:

CORYMBOS

E como a fonte cheirosa  
Busca do mar a amplidão,  
Tu has de vir, mentirosa,  
Sumir-te em meu coração.

— Recife.

---

CORYMBOS

## SORRISOS MATINAES

(1868)

Tout aime! tout s'agite en liberté!

— *Goethe—Faust.*

Riem-se as nuvens no horizonte exparsas,  
Correm as garças pelos céos azues:  
Succede á noite a matinal folia,  
Desperta o dia: — está sorrindo a luz!

Riem no bosque as auras buliçosas,  
Nardos e rosas ganham vida e côr,  
Pula a graúna no cheiroso galho,  
Cheia de orvalho, — está sorrindo a flôr.

CORYMBOS

Sopra do morro a viração macia,  
Quanta alegria a madrugada tem!  
O infante ri no maternal regaço,  
No azul do espaço — Deus sorri também.

Salta espumando a festival cascata,  
Sorri a matta, — o verde mar sorri:  
Só eu! só eu na minha dôr velado  
Choro o passado porque penso em ti!

-- Itamaracá.

---

CORYMBOS

## ASPIRAÇÃO

(1868)

Dieu commence l'artiste et la femme l'achève:  
C'est par la passion qu'on devient immortel.

— *Arsène Houssaye.*

Se tu me amasses, oh! se tu me amasses,  
Vivo santelmo do meu louco amor!  
Se em teu regaço virginal pouzasses  
A minha fronte pallida de dôr;

Se tu me amasses, oh! se tu me amasses,  
Ventura eterna, meu eterno Bem,  
Se em tu'alma chorosa enthesourasses  
Toda a harmonia que minh'alma tem!

CORYMBOS

Se tu me amasses, oh! se tu me amasses,  
Alva Maria! e envolta em luz e pejo  
Os labios teus aos labios meus juntasses  
E unisse as nossas lagrimas um beijo!...

Se tu me amasses, oh! se tu me amasses  
Divina estrella de eternal fulgor!  
Se em teus medrosos seios aninhasses  
Os meus suspiros humidos de amôr...

Se tu me amasses, oh! se tu me amasses  
Virgem celeste, encarnação da luz,  
Se a minha ardente bôca saciasses  
Nos frescos lyrios de teus seios nús...

As nossas almas gemeas confundidas  
N'um louco abraço, n'um profundo nó,  
Seriam n'uma vida duas vidas  
Duas auroras n'um levante só!

— Recife.

CORYMBOS

## LAGRIMA FURTIVA

(1868)

Esta lagrima furtiva,  
Que em teus olhos vem brilhar,  
É que me prende e captiva,  
É que me força a te amar.

Sou feliz! Vê que contraste!  
Sinto, gózo, existo enfim!  
— Sou feliz porque choraste  
Pois tu choraste por mim...

\* \* \*

CORYMBOS

## QUADRO FLAMENGO (\*)

— UM RETRATO —

A J. F. Bastos.

Ella é bella: em seu corpo habita a Seducção:  
Tudo n'ella é fulgente, é tudo irradiação!  
Sua bôca vermelha, os labios palpitantes  
Mostram sempre n'um riso as perolas brilhantes...  
O regaço de neve, o seio perfumado  
Parece ser do Amor o ninho reservado:  
Do seu olhar profundo o languido clarão,  
Prende, offusca, incendeia, abrasa o coração!

A fronte d'ella nada em ondas de esplendor...  
Falta-lhe alguma cousa? Apenas o pudor!

(\*) Trad. de Charles Potvins.

CORYMBOS

## ORAÇÃO A' VIRGEM

(1866)

A minha irmã Amelia.

Maria! Os prantos da vida  
São raios do teu fulgor,  
Tu és a Rosa nascida  
Entre os espinhos da dor.

Tu és a loira Esperança  
Da morte sobre a agonia,  
E's o Iris da bonança,  
Oh casta e santa Maria!

CORYMBOS

Tu és a divina Aurora  
De todos que crêem em ti:  
Ao peccador dizes: — chora!  
Às criancinhas: — sorri!

És a lampada suspensa  
Eternamente a brilhar,  
As almas vivem da crença  
Que jorra do teu olhar!

Deus poz no mundo a existencia,  
Na terra a dor e o tormento;  
Deus poz no berço a innocencia  
Poz na campa o esquecimento.

E a sombra meiga e saudosa  
Que o fragil berço vigia,  
É tua imagem fôrmosa  
É tua sombra, Maria!

O Poder que tudo encerra  
Criando o sorriso teo:  
— Fez muitas virgens p'ra terra  
Mas uma só para o céo!

Um fio do teu cabelo  
Dos longos cabellos teus:  
É como o sagrado eio  
Que prende o Universso a Deus!

CORYMBOS

No teu seio abençoado  
Archanjo da redempção,  
Chora constricto o Peccado  
Ergue-se rindo o Perdão!

— Recife.

CORŪMBOS

## BRANCA ROSA

(1868)

Em troca do seu perfume  
Quantas saudades resume  
E quantos prantos tambem!

— *Cazimiro de Abreu.*

Pendendo a fronte virginal, formosa,  
Tremendo toda de infantil receio,  
Ella deixou em minhas mãos a rosa  
A branca rosa que adornou-lhe o seio.

E disse, em quanto o peito seu gemia  
Partido em ancias de amargura e dor:  
— « Se desprezares meu amor um dia  
Respeita ao menos esta pobre flor. »

CORYMBOS

D'aquella noite de emoções e festa  
D'aquelle instante de virgineo enleio,  
Só esta morta e seca flor me resta,  
A branca rosa que adornou-lhe o seio.

Quando minh'alma na feral voragem  
Do mundo luta em delirante aneio,  
Sabeis acaso quem me dá coragem?  
A branca rosa que adornou-lhe o seio.

E quando ás vezes minha boca anciosa  
Beija a — lembrança — que me faz chorar;  
Sinto entre as folhas da finada rosa  
Um labio ardente os labios meus beijar.

E d'entre as cinzas da corolla fria  
São um gemido de amargura e dor:  
— « Se desprezares meu amor um dia  
Respeita ao menos esta pobre flor! »

Por ella esqueço o labutar profundo:  
Por ella o facho da esperança ateio:  
É mais que a vida e vale mais que o mundo  
A branca rosa que adornou-lhe o seio!

Oh! murcha rosa cada vez mais bella,  
Que tanta força e tanta luz me dás,  
Tiveste o berço no regaço d'ella  
E a sepultura junto ao meu terás!

CORYMBOS

Assim se Deus arrebatou-me á vida  
Dizendo ao Anjo ceifador: — colhei-o!  
Plantai na terra que me dêr guarida  
A branca rosa que adornou-lhe o seio! . .

— Recife.

---

CORYMBOS

## CANÇÃO

(HUGO. — 1867)

Desperta: é tempo, formosa,  
O dia luzindo vem:  
Na hora em que acorda a rosa  
Tu não acordas também?

Flor dos meus sonhos,  
Bebe o meu pranto,  
Ouve este canto,  
Meu doce bem!

CORYMBOS

Tudo acorda-te á porfia:  
Diz a aurora: vem, oh flor!  
A ave: — eu sou a harmonia!  
Diz minh'alma: — eu sou o amor!

Flor dos meus sonhos,  
Bebe o meu pranto,  
Ouve este canto,  
Querida flor!

Anjo e mulher, — santa e calma,  
Deus que força-me a te amar,  
Fêz meu amor p'ra tua alma,  
Teu rosto p'ra meu olhar!

Flor dos meus sonhos,  
Bebe o meu pranto,  
Possa este canto  
Te despertar!

— Recife

CORYMBOS

## NOITE DE LUAR A BORDO

(1868)

Recordar-se, — consolar-se.

— *A. Herculano*

D'aquella noite de luar, a bordo,  
— Horas de amor, de febre e de poesia —  
Debalde tento me esquecer, Maria,  
Lembro-me sempre, sempre me recordo  
D'aquella noite de luar a bordo.

Os nossos nomes confundidos iam  
N'um longo beijo recortando o espaço  
Da triste lua ao triste raio escasso,  
E nas azas das auras que fugiam  
Os nossos nomes confundidos iam

CORYMBOS

Com os olhos fitos na amplidão das aguas  
Ambos gemendo de prazer miravamos  
O sombrio horisonte, e recordavamos  
Passados sonhos e futuras magoas,  
Com os olhos fitos na amplidão das aguas.

Ninguém nos vio, — ninguém nos escutava,  
Deserto era o convez: na prôa apenas  
Curtindo dores e lembrando penas  
Do marinheiro a voz o ar turbava.....  
Ninguém nos vio: — ninguém nos escutava.

E eu me esquecia a contemplar teus olhos  
Perdido ali, — na solidão, — contigo,  
Longe do céu e perto do perigo:  
A nossos pés erguiam-se os abrolhos  
E eu me esquecia a contemplar teus olhos!

Passava ao longe uma saudosa vela  
Que entre nevoas aos poucos se esvalhia,  
E enquanto o nosso olhar n'ella tremia  
As nossas almas iam presas n'ella ....  
Passava ao longe uma saudosa vela.

Os juramentos que a tremer fizeste  
Guarda-os do vasto mar o enorme leito,  
E eu sepultei-os dentro do meu peito,  
Dentro do coração que tu perdeste: —  
Os juramentos que a tremer fizeste.

CORYMBOS

Só, esquecido, abandonado e triste,  
Heide de novo, recortando os ventos,  
Ouvir da vaga os funebres lamentos  
E ver a lua que ha dois annos viste :  
Só, esquecido, abandonado e triste !

Ah ! que saudades vou sentir, querida,  
Quando os espaços perturbar apenas  
Lembrando dores e curtindo penas  
Do marinheiro a voz enternecida !  
Ah ! que saudades vou sentir, querida !

Pobre Maria ! que tremenda sorte  
A tua ! e como deve ser penoso  
Ver tão perto de ti o riso e o gozo  
E em ti sómente o desespero e a morte !  
Pobre Maria ! que tremenda sorte !

D'aquella noite de luar a bordo  
Noite banhada de eternal magia,  
Debalde tento me esquecer, Maria :  
Lembro-me sempre, — sempre me recordo  
D'aquella noite de luar a bordo !.....

— Recife.

CORYMBOS

## CANDURA

(1868)

Teus dias correm suaves,  
Bordados de loira luz,  
Como o pipillo das aves  
Nos horisontes azues.

Tu'alma vai como a prece  
Dormir no coxim dos céos;  
O dia rompe e ella desce,  
Quente dos braços de Deos!

CORYMBOS

E como o orvalho escondido  
Entre os seios d'uma flor,  
Brilha teu seio adormido  
Nas rosas do teu pudor.

Nada prende os teus encantos,  
Teus passos nada detem:  
Choras e ris, — e teus prantos  
São de alegria também.

Que doce existencia a tua!  
Que meigo e puro arrebol!  
Macio raio de lua,  
Ardente raio de sol!

E teu pensamento atôa  
Corre, corre sem parar  
Como um barquinho que vôa  
Na correnteza do mar.

Mas esse encanto profundo  
Hade acabar-se por fim,  
Quando pensares no mundo,  
Quando pensares em mim.

— Recite.

CORYMBOS

## DIA E NOITE

(MIÇKIEWICZ — 1868)

O sol no oriente rutilante brilha  
No occaso a lua descambou saudosa:  
A luz da aurora acaricia a rosa,  
Pezado orvalho a violeta humilha.

Laura á janella surge radiante  
E diz: — « Oh! lua que do céo fugistes,  
Oh! violeta, porque sois tão tristes,  
E tu tambem, meu pensativo amante? »

CORYMBOS

Esváe-se o dia... A lúá ergue-se linda  
A violeta mais cheirosa e bella :  
Laura de novo encosta-se á janella  
E eu me ajoelho mais tristonho ainda !

— Recife.

CORYMBOS

## ARROUBO

(1866)

Olha-me ainda! Delirante e pallida,  
Banha minh'alma n'esse ardente olhar!  
Deita em teu seio a minha fronte callida:  
Faze que eu possa, que inda possa amar!

Porque tremeste? A viração perdida  
Dorme na relva dos vergeis em flor:  
Tudo é silencio e tudo falla á vida:  
Calla-te e escuta: vai passar o amor.....  
66

CORYMBOS

Porque tremeste? Solitaria a lua  
Vagueia ao longe.... Como és bella assim!  
Prende um momento a minha mão na tua,  
Quero-te agora mais ao pé de mim.

Ninguem nos ouve... Que tens tu que tremes?  
Porque teu rosto junto ao meu descora?  
Tentas sorrir e no sorriso gemes.....  
Mas eu que sinto? Porque tremo agora?

Ah! não me digas! Delirante e pallida,  
Banha minh'alma n'esse ardente olhar!  
Deita em teu seio a minha fronte callida:  
Sinto que posso, que já posso amar!

— Rio.

CORYMBOS

## INNOCENCIA

(FRANÇOIS COPPÉE. — 1868)

A Regueira Costa Junior.

Loira, fragil, aerea, innocente,  
— Casto lyrio fechado em botão, —  
A orphansinha bordava de flores  
As muralhas da negra prisão.

Cinco annos apenas! Envolta  
Dos andrajos no funebre horror,  
Ella enchia de estrellas e raios  
A morada do Crime e da Dor.

CORYMBOS

Ali todos a loira orphansinha  
Como um riso de Deus adoravam:  
Uns faziam-lhe brincos, e outros  
De caricias seus pés alastravam.

E bem como a feral mandragóra  
Que nas sombras da forca medrava,  
Mais risonha corria a menina  
Quando alguma cabeça rolava.

— Recife.

---

CORYMBOS

## INNOCENCIA

(FRANÇOIS COPPÉE — 1868)

A Guimarães Junior.

Qual um sopro, qual uma alma,  
A orphanzinha da prisão,  
Nos aneis das aureas tranças  
Tem da candura a expressão.

Cinco annos só! Nos andrajos  
Fulge-lhe o hombrinho gentil,  
A côrte infame se doura  
De risos, de olhares mil.

CORYMBOS

Feliz se julga um forçado  
De algum brinco lhe offertar :  
O Crime, o Vicio á porfia  
Nos joelhos a vem sentar.

Qual mandragóra funerea  
Que junto á forca flori,  
Ao rolar d'uma cabeça  
Mais formosa ella sorri!

— Recife.

REGUEIRA COSTA JUNIOR.

CORYMBOS

## HYMNO ANTIGO

(1866)

A Fernando de Magalhães.

Quando rasgas, oh Sol, as nuvens do oriente  
Quando teu sceptro, oh Rei, teu sceptro omnipotente  
Nos espaços divide os raios do esplendor,  
O universo desperta e surge sobranceiro  
Calcando a gleba ardente, — altivo, audaz guerreiro,  
Que fita a multidão depois de vencedor!

Teu coche flammejante esmaga uma por uma  
As noites e a tormenta: assim esmaga a espuma  
A cortadora náu nas planicies do mar:  
Quando desces do céu a prumo sobre o monte  
A Treva espavorida esconde a negra fronte,  
E a estrella da manhã mergulha em teu olhar!

CORYMBOS

As charnecas, a veiga, as campinas molhadas  
Pelo orvalho da noite acordam deslumbradas,  
Rasgando nos teus pés os lutulentos véos:  
O caçador affasta o ramo e presta o ouvido,  
O lavrador ensaia o braço entorpecido,  
Beija a esposa, o filhinho e lembra-se de Deos!

E tu, gigante ouzado, amparas desde o berço  
O problema da vida, a historia do universo!  
E mais sublime sempre e com mais resplendor,  
Cimentas o edificio e dás vigor ao galho,  
Às aves o gorgueio, aos homens o trabalho,  
Às florestas o rio, aos membros o suor!

Ao teu aspecto, oh Rei, oh grande soberano,  
Tudo resurge e luz! O pensador humano  
Fustiga a immensidade e quer te acompanhar!  
Nos antros da miseria apagas o supplicio,  
E aquelle que se entrega á pallidez do vicio  
Quando despontas vê que é tempo de córar!

Nada abafa o clarão da tua immensidade!  
E teu pé flammejante escala a eternidade  
E não esmaga o insecto, o homem sobre o chão!  
Abraças o oriente e o occidente abraças!  
Por onde a Noite surge, altivo, immenso, passas,  
E teu manto de luz arrastas na amplidão!

A criação fecunda é mais bella cada anno:  
E o rio ensina ao mar e ao rio ensina o oceano  
A voz que os guia e manda, — a palavra fatal:

CORYMBOS

Como é tranquillo o mar! como é tranquilla a praia!  
A vaga azul se enrola, a vaga azul desmaia  
Como um beijo de amor em boca maternal!

Oh! segundo universo! Oh! Astro arremeçado  
De céos em céos e sempre a novo céu voltado  
Gravando no infinito as leis do Creador!....  
Quando teu corpo ardente a natureza abraça,  
Oh! Sol! suspendes rindo a fronte da desgraça  
E dás á mão myrrada a esmola do calor!

Salve! mil vezes salve! A terra aos céos envia  
A mais pura e saudosa e casta melodia,  
Que a natureza mãe offerta ao rei dos céos!  
Quando rompes, oh Sol, as nuvens do oriente  
És como um livro immenso em cujo dorso ardente  
A mão da Eternidade escreve um nome: — Deus!

Salve no campo e céu! nas ondas e no espaço!  
Faisca de luz eterna illuminando o passo  
D'Aquelle que se assenta em thronos de arrebol!  
D'Aquelle que apalpando a esphera desolada  
Inerte e fria, e vendo a massa amontoada,  
Abrio a mão na sombra e fez surgir o Sol!

Teus cabellos de fogo as nuvens affagando  
Como docel gigante — em tranças mil rolando  
Chovem sobre os vergeis e vêm cobrir a flor:  
A luz que dás ao berço entregas ao sudario!  
E tu que illuminaste o sangue do Calvario  
Banhaste o teu olhar no olhar do Redemptor!

CORYMBOS

Póde o tempo esmagar o bronze e as arcarias!  
Lançar por terra o monte, as longas penedias:  
E se o mundo extender-se immenso, inculto e nú,  
Hade sempre passar atravessando os montes,  
Uma sombra, um phantasma abrindo os horisontes:  
E esse espectro não morre: — esse phantasma és tu!

Ergue-te azinha, oh Sol! Às portas do oriente  
Rola teu carro d'ouro e o teu corcel nitente  
Das crinas solta em febre o matinal clarão!  
Eis a hora em que Deus desperta-te no berço,  
E erguendo-te, pharol, ácima do universo,  
Descobre a fronte immensa e espreita a criação!

— Rio.

CORYMBOS

CANTIGA EM NOITE DE LUAR

(1863)

Marilia, escuta  
Um triste pastor.

— *Lyra de Gonzaga.*

Amemos! Tudo desmaia  
Do tempo aos beijos fataes,  
A vaga lambe uma praia  
E n'outra alem se desfaz:

Amemos! que a mocidade,  
Querida, não volta mais!

CORYMBOS

Chove a neve e cobre o monte  
O inverno succede á paz:  
Morre a planta, secca a fonte,  
O tempo a velhice traz:

Amemos! que a mocidade,  
Querida, não volta mais!

O musgo nasce e se agita  
Da brisa aos nocturnos ais,  
Cresce, cresce a parasita  
Cáe o tecto dos cazaes: —

Amemos! que a mocidade,  
Querida, não volta mais!

Escuta a voz dolorida  
Dos meus harpejos mortaes:  
Meus cantos são minha vida  
Minhas canções são meus ais:

Amemos! que a mocidade,  
Querida, não volta mais!

O vento passa gemendo  
Nos leques dos palmeirae,  
E vai rolando e morrendo  
Pelas sylvas e rosaes:

CORYMBOS

Amemos! que a mocidade,  
Querida, não volta mais!

— Nuvem pallida e sombria,  
Que entre os morros expiraes,  
Andorinha fugidia,  
Brisas de céu que passaes,

Ide dizer a Maria  
Que o tempo não volta mais!

— S. Paulo.

CORYMBOS

## INVOCACÃO

(LAMARTINE — 1868)

Oh! tu, anjo de luz, — miragem santa e calma,  
Filha augusta do céu, visão do sonhador;  
Tu que fazes brilhar nas noites de minh'alma  
O astro do teu amor;

Diz-me, ah! diz-me o teu nome e em que lugar se encerra  
Teu berço.... Ergue-te emfim sem nuvens e sem veus:  
Nascestes entre os mortaes? serás filha da terra,  
Ou és a encarnação d'um suspiro de Deus?

CORYMBOS

Ao romper da manhã descambarás, estrella?  
Irás, ave de amor, esconder-te em teu ninho  
Zombando da procella?  
Ou calcarás ainda o pó d'este caminho  
Envolta em luto e tédio e desespero e dor!?  
Oh! sombra! oh! mytho, oh fada, oh! flor desconhecida,  
Dá que eu possa a teus pés derramar minha vida,  
Meu culto e meu amor!

Se teu ser é sujeito á foice do destino,  
Ah! consente que eu siga o teu corpo divino  
E beije os passos teus, sublime cherubim!  
Mas se tens de voltar aos céos de que partiste,  
Não te esqueças d'aquelle a quem por dó sorriste:  
Recorda-te de mim!

— Recife.

---

CORYMBOS

## VERSOS A UM ANJO

(1868)

A toi! toujours à toi!

— *Hugo.*

Quando eu te vejo minha mãe contemplo :  
Brilham seus olhos no teu doce olhar :  
Sois dois Archanjos em um mesmo templo,  
Dois Evangelhos em um mesmo altar.

Quando tu fallas cuido ouvir, formosa,  
Os labios d'ella n'um sorriso em flor :  
Sois duas auras n'uma mesma rosa,  
Ou duas lyras a vibrar de amor!

CORYMBOS

Quando tu rezas, tentadora e calma,  
Vejo-a! em vós ambas bate a mesma luz:  
Sois duas vidas rezumindo uma alma,  
Sois os dois braços d'uma mesma cruz.

Tu edificas meu futuro, e ella  
Deu-me o passado nú de angustia e dor:  
Sois os dois raios da mais alva estrella,  
As duas phases do mais casto amor!

Foi nos seus braços que meu ser exangue  
Banhou-se em ondas de ternura e fé:  
Mas ah! por ti eu verterei meu sangue  
E as crenças todas do passado até!

Quando eu te vejo minha mãe contemplo:  
Brilham seus olhos no teu puro olhar:  
Sois dois Archanjos em um mesmo templo,  
Dois Evangelhos em um mesmo altar!

— Recife.

CORYMBOS

## O VAGALUME

(CANÇONETA. — 1865)

A Yayá L.

Foste brilhar longe, longe,  
Longe, longe te perdeste:  
Rasgaste as azas no espinho,  
Sem luz, sem azas morreste ...  
— Que vale a vida? — um perfume...  
Um ai! a vida resume,  
Vagalume, vagalume.

CORYMBOS

Se brilhasses perto, perto,  
Perto, perto viverias:  
Ao pé da gruta e das fontes,  
Da rosa e das melodias!  
— Lume da noite! aureo lume,  
Bebeste o fel no perfume,  
Vagalume, Vagalume.

Aqui tens as azas tuas,  
Sem mais fogo e sem mais côr!  
São duas folhas rasgadas,  
Duas lagrimas de amor...  
— Que vale a vida? um perfume,  
Um ai! a vida resume,  
Vagalume, vagalume.

Veio a noite: abriste o vôo  
Da noite na solidão:  
Pobre phalena d'um dia,  
Cegou-te a luz da paixão.  
— Lume da noite! aureo lume,  
Bebeste o fel no perfume,  
Vagalume, vagalume.

Toda a noite, a noite toda  
E mais um dia tambem,  
Disse a brisa: — elle não volta —  
Disse a planta: — elle não vem!  
— Que vale a vida? um perfume,  
Um ai! a vida resume,  
Vagalume, vagalume.

CORYMBOS

A noite estava tão fria!  
Tão frio e triste o luar!  
A viração mal serzia  
As quietas vagas do mar!  
— Lume da noite! aureo lume,  
Bebeste o fel no perfume,  
Vagalume, vagalume.

Onde foste, ó mensageiro,  
Teu pharolzinho apagar?  
Meiga perola da noite,  
Onde te foste quebrar?  
— Que vale a vida? um perfume,  
Um ai! a vida resume  
Vagalume, vagalume.

E tu partiste... e morreste!  
Luz alada — alada flor!  
Predeu-te as azas a morte,  
A morte, a morte de amor!  
— Lume da noite! aureo lume,  
Bebeste o fel no perfume,  
Vagalume, vagalume.

Hoje tudo está deserto,  
Silente, calmo e sem luz,  
Vai crescendo a parasita,  
Uiva o cão ao pé da cruz,  
— Que vale a vida? um perfume,  
Um ai! a vida resume,  
Vagalume, vagalume.

CORYMBOS

O grillo canta nas cinzas,  
O vento abala a vidraça,  
Passa o vento, passa a noite,  
Passa o dia, — a vida passa!  
Lume da noite! aureo lume,  
Bebeste o fel no perfume,  
Vagalume, vagalume.

Que foste fazer tão longe  
Tão longe, longe de nós,  
Exposto á noite e aos furores,  
Da ventania veloz?  
— Que vale a vida? um perfume,  
Um ai! a vida resume,  
Vagalume, vagalume.

Volta, oh! volta — tudo é morto!  
Tudo, tudo já morreu.....  
Nem ha mais cantos na terra,  
Nem mais estrellas no céo,  
— Lume da noite! aureo lume,  
Bebeste o fel no perfume,  
Vagalume, vagalume.

Cáe o ninho.... os fructos seccam....  
O rio carrega a flor.....  
E nós! morremos chorando  
O nosso primeiro amor!  
— Que vale a vida? um perfume,  
Um ai! a vida resume,  
Vagalume, vagalume.

CORYMBOS

## MONT'ALVERNE

(1866)

Tel que ces pics, où monte un flot d'ombres funèbres,  
Son crâne était semé d'éclairs et de ténèbres,  
Qui rendaient à son gré le ciel terne et serein.

— *Eugène Villemin.*

A multidão é muda: o templo immenso  
Como a campa d'um mundo, exhala apenas  
O longo, ardente e tremulo respiro  
D'um milhão de fieis. Calou-se a orchestra,  
Quêda-se o órgão: — a abobada sombria  
Da casa do Senhor ampara as preces,  
Que sóbem como o incenso e envia-as castas,

Ao seio do Infinito.

Os cyrios ardem,  
E um véo medonho de tristeza e morte  
Envolve o altar e o templo . . . . Os olhos fitos  
Na vazia tribuna anciosos tentam  
Rasgar o espaço, que os affasta ainda  
Do propheta de Deos!

Emfim! Nas sombras  
Uma sombra se eleva; sombra augusta,  
Que do burel resurge como a aurora  
Nas trevas rebentando: como a Idéa,  
Que alenta a vida, que dá vida a um Mundo!  
Curvam-se todos, todos tremem, arfam,  
Buscam, esperam.... Um pavor ignoto  
Espalha-se na Egreja: o altar, a imagem,  
A cruz n'um mar de auréolas se banham.  
D'onde brota essa aurora? D'um propheta!  
Tanta luz d'onde vem? Do olhar d'um cego!  
— Mont'Alverne na terra e Deus no Eterno!  
Cego! Na frente vasta, altiva e nobre,  
O dedo do Senhor gravára a idéa!  
Se a mão da Providencia a luz nas palpebras  
Apagou d'uma vez, se das pupillas  
A chamma activa se atufou nas sombras,  
É que o fadára Christo, é que o fadára  
A lei divina a percorrer a terra  
Sem o pó conhecer! É que elle via,  
Ouvia, amava, os mundos presentira  
Sem ver aonde os dedos seus tocavam!  
Era alma, era alma só! Luz, genio, estudo!  
Alma sublime, encarcerada, oppressa  
Nos mundanos grillhões! Elle era o raio,

CORYMBOS

Que as trevas fustigava, — era o estandarte,  
Que á frente sempre das fileiras ia  
Mostrar o rumo ao viajor perdido!

Quando da cella ao pulpito voava  
O templo inteiro estremecia como  
Se o coração da Igreja ás claras ondas  
D'esse novo Jordão sentisse o sangue  
Mais potente correr! e os impios tremulos,  
Viam dos labios d'elle, envolto em phrases  
Cahir o raio, da verdade o raio,  
Que nas azas do Verbo ardente e eterno  
O erro fulminava!

Mont'Alverne

Sublime cego! Apostolo sublime!  
Sim! não devera o teu olhar perder-se  
Nas miserias humanas! Em tua alma  
Deus habitava e o verbo teu banhava-se  
Na voz do Redemptor antes do pulpito  
Voar tremendo abalroando os mundos!

Gloria ha no campo em que as phalanges tombam  
Sob o gladio de Cesar! É sublime  
Prender ao dorso dos corceis pujantes  
O porvir e a victoria! É grande a espada,  
Que em Marengo vibrou e que brilhando  
Em Austerlitz e fulgindo sempre,  
Ebria de gloria mergulhou os cópos  
E a lamina quebrada nos abysmos  
Do campo de Waterloo! É nobre, é certo!

CORYMBOS

Gloria é lançar ao mundo as folhas fulgidas  
Da fulgida epopéa! É n'um só nome  
Amontoar mil séculos! É n'um sopro  
Formar o alento d'um milhão de povos!  
Gloria é rasgar o espaço luminoso,  
Pairar na Eternidade e sobre o mundo  
Deixar cair espheras, astros, raios,  
Como syllabas de luz de polo a polo  
Recordando o universo: — Homero, Klopstok,  
Milton e Dante e Tasso e Eschylo e Sophocles!  
É santo o esforço que produz a penna:  
É bella a idéa que conduz a espada!

Mas tu, levita, és mais do que um poeta,  
Um philosopho, um genio: és como a sombra  
A sombra eterna do Senhor dos mundos,  
O phantasma de Christo abrindo os braços  
Ao peccador e ao justo, ao rico e ao pobre,  
Ao pequeno e ao grande, e em voz serena  
Chamando ao seio da oração, do allivio  
Os naufragos da sorte! Isto é que é gloria!  
A espada é o coração, o grito a prece,  
O fumo o incenso, o escudo o altar de Christo,  
E o sangue o pranto que o peccado lava!

Erguem-se ás vezes da mundana argilla  
Venenos e miasmas, como se ergue  
Do chão das campas labareda impura,  
Que açoita os ares e nos ares morre...  
Tal d'entre os impios, vis demolidores

CORYMBOS

Das doutrinas mais santas! Renegados,  
Que embalde tentam derrocar do Gólgotha  
A cruz da Liberdade, erguem-se brados,  
Imprecações malditas, — vozes lugubres,  
Mortas em vida e de miseria eivadas!

N'essas frageis muralhas o teu verbo  
Como gladio de fogo se enterrava  
Nos combates da idéa! Santo Apostolo,  
Luzeiro da verdade! As mudas folhas  
Do Evangelho inda marcam o vestigio,  
Que tuas mãos deixaram: — na tribuna  
Vê-se inda immovel tua sombra immensa!

Ancora etherea que no mar sereno  
Das doutrinas de Deus prendeste á margem  
A barca dos Apostolos! Ninguem pôde  
Ouvir-te a voz sem procurar nas nuvens  
A porta do Infinito! Ninguem pôde  
Deixar de crer em Deus quando ensinavas  
Letra por letra as paginas gigantes  
Dos poemas da Igreja! Ao teu aceno  
As fronteiras se dobravam.... Grande, altivo,  
O teu aspecto, martyr, o teu porte  
Elevava-se aos céos tal como o cedro  
A cuja sombra angusta, excelsa e limpida,  
Vinhão em bandos, — desgraçados, pobres,  
O peccado e a virtude, o mal e a angustia,  
Almas feridas, corações exhaustos,  
Ganhar nova existencia, ouvir-te os hymnos

CORYMBOS

Sorver o aroma que roubaste aos Anjos!  
O Redemptor de benções coroava  
Tua fronte serena e calma e liza  
Como os espelhos dos tranquillos mares!  
O Senhor dos exercitos se acaso  
Via errabunda a multidão esqualida  
Sem abrigo e sem pão, lançando aos ares  
Imprecações e gritos, — mergulhava  
A mão no espaço e vinha despertar-te  
No silencio do claustro aos pés da Biblia.  
« Vai! Tuas vozes, teu amor, teus rogos  
Corram de zona em zona e a turba errante  
Chamem ao templo, aos pés dos meus altares:  
Falla! » A tribuna abria-se e um vulto  
Surgia como da mudez das campas  
O espectro do passado. E qual se um manto  
Cingisse inteiro a multidão compacta,  
Vinha o silencio da mudez dos tumulos  
Cobrir o templo e os homens... Mont'Alverne  
Era o enviado ás tribus, era a idéa,  
Pensamento de Deus baixado á terra  
Penetrando n'um claustro e após surgindo  
Das sombras d'um burel. — Propheta d'alma!  
Tu foste o Livro em cujas folhas puras  
A religião de Christo eternisara  
As doutrinas mais santas, onde o povo  
Constricto vinha decorar as maximas,  
Que teu labio ensinava.

Onde teus carmes,  
Poeta-rei! Acaso a humanidade  
Perdeu-te? É certo que partiste a fronte  
Contra a pedra dos tumulos? Teu craneo

CORYMBO

A terra occulta? e os vermes no silencio  
No mysterio e na morte despojaram  
O corpo teu e os ossos nús alvejam,  
Quedos e frios na sombria terra?  
É certo sim. A lei divina e eterna  
Baixou sobre o teu corpo e os restos caros  
Dormem envoltos no fulgor da gloria  
Sob a lapida funerea!

Estrella d'alva,  
Que o norte sempre ás multidões mostraste  
Nas vorazes tormentas! Mensageiro  
Enviado dos céos! Pomba querida,  
De cujas azas brancas e diaphanas,  
O orvalho, o aroma, o balsamo cahiam!  
Bem como um sonho que se esvâe nas lagrimas  
Sumiste-te na bruma, — abalroaste  
A fronte d'oiro no feral sepulchro!

Era pequeno o espaço em que vagavas:  
O oceano ás nuvens salta, as praias rompe  
E a terra treme de pavor sentindo  
As entranhas feridas. Quem pudéa  
Sondar o oceano do teu craneo, as ondas  
De teu fundo pensar? O mundo absorto  
Ouvindo-te, pasmando, recolhia  
No seio exausto a vida, o pensamento,  
Que em turbilhão lançavas, evitando  
Fitar o oceano em que encontrara as perolas!

Agua altaneira! A tempestade escura

CORYMBOS

Tentou rasgar-te o vôo! Sobre os cimos  
Pairaste um' hora e após mais gigantesca  
Açoitaste a amplidão! Embalde as nevoas  
Em columnas se erguiam! sempre ouzada  
Ias cortando os plainos do infinito!  
Quem se arrojara em teu caminho? O oriente  
Quando passaste illuminou-se: a terra  
De floco em floco evaporou-se ao longe...  
Só, ias só! Ninguem seguir-te ouzára:  
Nem tua sombra!

Ancioso, exausto, morto,  
Chegaste enfim! E tu que o mundo inteiro  
Arrojaste a teus pés; tu que n'um gesto  
As multidões prendias.... Nuvem d'ouro  
Nos céos te evaporaste.....

Oh! se isto é morte  
A morte é o sol da campa! — Anjo indisivel,  
Tu não morreste, não! Homem, cahiste,  
Genio voaste, — Martyr resuscitas:  
— Morres na campa e vás surgir em Deus!

Archanjo-rei! Deu-te o universo um tumulo,  
Um epitaphio eterno que atravessa  
De polo a polo o mundo onde se eleva  
Ao pé da Cruz a Biblia!

O sol mergulha  
Nas rubras vagas e ergue-se mais fulgido  
Quando das vagas surge... E a tua imagem?  
E o nome teu? Succeda o dia ao dia,  
A noite á noite, os seculos aos seculos,  
Do tempo as rodas rolarão sombrias

CORYMBOS

Por cima do teu nome, qual do oceano  
No dorso escuro as impotentes frotas!  
Pedra por pedra as ambições derrubem  
Os altares e o templo....

Em vão! teu nome  
Deus estampou n'um beijo sobre a fronte  
Do velho Christianismo!

Em vão! teu nome  
De idade a idade vibrará profundo  
Como a alma d'um seculo: immenso, enorme,  
Bem como a cruz em cujos braços negros  
Tu te cazaste á Eternidade e á Gloria!

— Recife.

CORYMBOS

## SERENATA

(1868)

Noite assim tão viva e clara  
Rompe os mysterios do amor :  
Pára !  
— Pára e escuta, trovador !

Dos céos na limpida télla  
Fulge a deusa do esplendor.....  
Véla !  
— Véla e espreita, sonhador !

CORYMBOS

A aragem fugaz e solta  
Desperta os bosques e a flor...

Volta!

— Volta o barco, remador!

O meu ouvido recolhe  
Na sombra um vago rumor...

Colhe!

— Colhe as azas, meu amor!

— Olinda.

CORYMBOS

## TARDE DE OUTUBRO

Que se passait-il dans nos âmes?  
Amour! Amour!

— V. Hugo.

Foi n'uma tarde de Outubro,  
Tarde de nuvens saudosas:  
Na terra um cheiro de rosas:  
O horisonte rubro!

Apenas malva singella  
Do seu regaço nos fólhos:  
No chão cravados seus olhos  
E meus olhos n'ella!

CORYMBOS

A aragem lasciva e callida  
Os nossos ais afinava,  
E eu medroso a contemplava:  
Tão bella e pallida!

O ninho em socego; — o arbusto  
Humido já de sereno;  
No seu regaço moreno  
O segredo, o susto!

A varzea isolada, nua,  
Na terra um echo tremente:  
O sol a cahir no poente,  
No levante a lua!

Era o instante da saudade!  
Ella pendida a meu braço:  
As nossas almas no espaço.....  
Que felicidade!...

Da natureza o rumor,  
O ai, o sopro, o gemido,  
Tinham só um só sentido:  
Era amor! amor!

CORYMBOS

As frias azas dos ventos,  
A agreste e furtiva briza  
Arrebataram, Luiza,  
Nossos juramentos!

D'aquelle incanto indizível  
Tento esquecer-me n'est'hora:  
Cruel martyrio, senhora,  
Não! não me é possível!

— Rio.

CORYMBOS

## O TEU AMOR

(1866)

— Qui donc es-tu, blanche étoile ?

*H. Murger — Ballades.*

É teu amor a doce estrella d'alva  
O brando aroma de escondida malva  
Em seio virgem que inda mal rompeu :  
É teu amor a rola da esperança,  
A branca, a meiga, a lyrial criança,  
Que a terra emballa, e vai dormir no céu.

CORYMBOS

É teu amor o pecego suave,  
Occulto ás garras virginaes d'uma ave,  
Que liba o aroma e foge ao ver a flor!  
Na fresca sombra da floresta a aragem  
Debalde espalha o pinheiral selvagem:  
A ave medrosa é o meu medroso amor.

É teu amor um véo de aereas gazas,  
A sombra esquiva de orvalhadas azas  
De mudo lago no subtil clarão:  
É teu amor a lagrima queixosa,  
Que chora o orvalho nos botões da rosa,  
Que chora a rosa aos ais da viração.

É teu amor o languido gemido,  
Que á tarde exhala o sabiá ferido  
E esvae-se em prantos na amplidão do ar:  
É teu amor um beijo de Moema,  
As lettras d'oiro, o mystico poema,  
Que Deus entorna sobre o azul do mar.

É teu amor o som molle e pausado  
D'um remo n'agua: o canto enamorado,  
Que envia á Noite a voz do pescador!  
Mais pura ainda que o sabor d'um gozo  
Os flebeis ais d'um violão choroso,  
És tu, bemdita encarnação do amor!

CORYMBOS

É teu amor a nuvem cor de rosa,  
Que paira, paira e vai morrer saudosa  
Fitando a terra e a vastidão do mar:  
Ah! ver-te pallida, muda, pensativa,  
E ouvir ao longe os ais da Casta Diva  
Ao som da flauta em noite de luar!....

É teu amor a esfera azul e calma  
Onde irradia esplendida tu'alma,  
D'onde me estendes compassiva a mão:  
É meu amor a prece ardente e louca,  
Que molha as faces, illumina a boca,  
Suspende a fronte e eleva o coração!

É teu amor um mundo de harmonia  
Onde campeia o nome teu, Maria,  
Virgineo e limpo do mais tenue véo!  
— Urna divina de divino encanto,  
Foi teu amor que enthezourou meu pranto,  
Gota por gota e o derramou no céu!

— \* \* \*

CORYMBOS

## A' MEMORIA D'UMA CRIANÇA

(1869)

Eu quiz trazer-te a flor bemdita e pura  
Da mais casta saudade, em teu jazigo,  
Debruçado na tua sepultura,  
Anjo! um minuto conversar contigo.

Tantas fezes porém minh'alma encerra,  
É tão pesada a cruz do meu castigo,  
Que eu tenho medo de manchar a terra  
Onde encontraste o derradeiro abrigo.

— Recife.

CORYMBOS

## MATER

(1867)

Oh! l'amour d'une mère, amour que nul n'oublie!

— V. Hugo.

Tu que soffres talvez, Mulher idolatrada,  
Bella estrella de amor, visão deslumbradora,  
Tu em cujo regaço a Castidade mora,  
Mãe! mil vezes feliz! mil vezes adorada!

Tu que envias de longe a sombra fatigada  
Para guiar-me a vida e os passos hora a hora,  
Tu, meu casto Ideal! Miragem seductora,  
Onde eu pouzo chorando a fronte extasiada:

CORYMBOS

Na noite mais profunda e triste da saudade  
Vem rasgar de minh'alma os tenebrosos véos,  
Vem cobrir de orações a louca mocidade!

Nas azas do teu beijo irei voando aos céos,  
E levarei, oh Mãe, teu nome á Eternidade  
Como um grito de amor que vai perder-se em Deos!

— Recife.

CORYMBOS

## A BALLADA DA FLOR

(1865)

A Baptista Guimarães.

— Queres seguir-me? Eu te offerto  
Os sonhos do coração...  
— D'onde tu vens? — Do deserto  
Das urzes da solidão :

Vivo sòsinha vagando  
De planta em planta levando  
Os prantos da criação :

CORYMBOS

Queres seguir-me, formosa?

Disse a rosa:

— Seguir-te... não quero, não.

Sumiu-se o sopro encantado:

Sumiu-se o canto magoado

Dos genios da solidão.

— Amo-te! Quero em teu seio

Viver de aromas, oh flor!

Que susto, — diz-me: — que enleio

Turbou-te o regio fulgor?

Eu sou o vento das noites,

Da tempestade os açoites

Da primavera o terror:

Abre-me os seios, formosa,

Dá-me, oh rosa,

A primavera do amor.

O vento foi se affastando

Nas frias garras levando

O cadaver d'uma flor.

CORYMBOS

Desceu a noite, e quando a noite veio,  
Bem como a queixa d'um ferido seio,  
Vinha de volta a brisa do sertão:  
Por despedida quiz passar no campo,  
E á varia luz de incerto perylampo  
Buscou a rosa, mas buscou-a em vão.

-- Ouve-me, escuta-me, rosa:  
Sou eu, minha irmã, sou eu:  
Queres seguir-me, formosa?  
Mas a rosa,  
Mas a flor não respondeu.

— Recife.

CORYMBOS

## O POEMA DO PESCADOR

(1868)

Rêvez! chantez! soupirez!

— *George Sand.*

Amada minha, fuja  
Deste mundo enganador,  
Que em nossos olhos levamos  
O mundo do nosso amor.

Tudo aqui minh'alma aterra:  
Fuja, encantos meus!  
Seremos longe da terra  
Mas muito perto de Deus.

CORYMBOS

Já vem luzindo a alvorada  
A aurora rompendo vem:  
Ah! fujaamos, minha amada,  
Que não nos segue ninguém.

Dos teus cabellos no manto  
Nos longos cabellos teus,  
Levarás todo o meu pranto  
E todos os beijos meus.

Fujaamos, amada minha,  
O dia póde romper:  
Inda é madrugada  
Mas não tarda a amanhecer.

Quantas rosas ha no espaço!  
Querida, vem respirar:  
Ah! cruel! é teu regaço  
Que está perfumando o ar!

As estrellas vão fugindo  
Das nevoas por entre o véo,  
A manhã ja está bulindo  
Nos cortinados do céo.

CORYMBOS

Minha amada, oh ! minha amada,  
Minha vida, meu prazer,  
Que bonita madrugada !  
Que saudoso amanhecer !

Fujamos, é tempo agora :  
Não ha sombra de ninguem !  
Quando o sol estiver fôra  
Estamos longe tambem.

As aves cantam baixinho,  
Medrosa calou-se a rã,  
Na sombra enrubece o ninho  
Ao doce olhar da manhã.

A vaga terna e macia  
Palpita de inquietação :  
Como essa vaga, Maria,  
Palpita o meu coração.

Tu irás, amada minha,  
Sem medo encostada a mim :  
No leme da jangadinha  
Já botei um seraphim.

CORYMBOS

Nós tres, sorrindo e cantando  
Das agoas na limpidez,  
Iremos todos amando  
Iremos sonhando os trez!

E enquanto do dia a barra  
Doirar os morros de além,  
Eu cantarei na guitarra,  
E tu chorarás, meu bem!

Sabes tu, pallida amante,  
O céo em que vás fulgir?  
Sabes tu, pomba arquejante,  
O ramo em que vás dormir?

Vás dormir no verde ramo  
D'um arvoredos sem par:  
Onde o vento diz: — eu te amo!  
E o matto põe-se a fallar!

É lá que a sorte adorada  
As almas une e bemdiz:  
Serás feliz, minha amada,  
E eu tambem serei feliz!

CORYMBOS

Que festas! que luz! que encantos!  
Que puro e bello porvir!  
Os nossos olhos sem prantos!  
As nossas bocas a rir!

Ahi é que tu, Maria,  
Casarás com teu cantor:  
Será madrinha a Poesia,  
Será convidado o Amor.

Lá tu'alma abençoada  
Pendente dos labios meus,  
Viverá desabrochada  
Bebendo os risos de Deus!

A flor dirá:— que ventura  
Os olhos d'elle contem!  
O céo dirá:— que ternura  
Nos olhos d'ella tambem!

Teus negros olhos banhados  
De extranho e vivo fulgor,  
Serão dois astros cravados  
No firmamento do amor.

CORYMBOS

Já vejo a nossa jangada  
Cortando o espaço sem véu,  
Como a gaivota assustada  
Que o caçador surpreendeu.....

Eu sei que o mar tem abrolhos,  
Qu'importa abrolhos do mar?  
Barco que leva teus olhos  
Não tem medo de afundar.

O terral enfuna a véla  
Que a jangadinha conduz:  
Vamos perder-nos, oh bella,  
Pelas lagôas azues!

Maria, o instante querido  
Poneo tarda a nos deixar:  
O sol calçado e vestido  
Já poz o olho no mar.

O loiro arcanjo do leme  
De cansaço adormeceo:  
A vaga na areia geme  
E o terral esmoreceo.

CORYMBOS

Amada minha, não queres  
Que eu seja feliz por ti!  
Pois esta terra preferes  
Ao mundo que eu descobri?

A jangadinha erradia,  
Que não quizesse acceitar,  
Tinha o teu nome, Maria,  
Para ser feliz no mar.

Lá vai ella atravessando  
A correnteza veloz:  
Quem ao longe vai cantando?  
D'onde é que parte essa voz?

— « Eu sou o Amor: não ha nada  
Que a meus sonhos ponha fim:  
Quem quizer vir na jangada  
Ha de ser igual a mim.

Eu sou um astro perdido  
Que vaga em busca dos céos;  
Sou das almas o escolhido  
E o predilecto de Deos!

CORYMBOS

Virgem, anjo, formosura,  
— Esquivo botão de flor,  
Deixas fugir a ventura,  
Deixando fugir o amor! »

— Olinda.

CORYMBOS

NO'S DOIS

(1869)

Hélas ! le bonheur est si court !

— *Th. de Banville.*

Nós dois perdidos ao luar, teu seio  
Bem conchegado a mim .....  
O sussurro do bosque, o puro anseio  
D'aura medrosa, o fugitivo aroma  
Da rosa e do jasmim ;  
Uma estrella que foge, — outra que assoma :  
Gottas de orvalho a resvallar da alfombra  
No tremulo setim ;

CORYMBOS

Um longo beijo, a protectora sombra,  
O espaço calmo ; dos chorosos ventos  
Os murmures sem fim . . .  
Corinna ! eu tenho d'esses pensamentos,  
Tenho sonhos assim !

— A bordo.

CORYMBOS

## TRES CARTAS D'ELLA

Celui qui fit ces vers n'était pas un méchant.

— *Charles Monselet.*

Ha um momento em que minh'alma anciosa  
Foge da terra pelos céus voando,  
É quando eu abro a folha côm de rosa,  
A carta que ella me escreveu brincando.

Ha um momento em que meu ser se aparta  
Do céu, envolto n'um pezar infindo,  
É quando eu beijo a machucada carta,  
A carta que ella me escreveu partindo.

CORYMBOS .

Ha um momento em que minh'alma inteira  
Lutta nas trevas d'um supplicio horrendo ;  
É quando eu leio a phrase derradeira  
Da carta que ella me escreveu morrendo.

— \* \* \*

CORYMBOS

## A CORINNA

(1869)

Tudo é tristeza ; — tudo por ti chora,  
Chamando em vão por ti.

— *Dr. Bernardo Guimarães.*

Se eu me lembro de ti! ? Esquece acaso  
A planta o orvalho que alentou-a um dia ?  
Esquece o labio a gotta de ambrosia ?  
Esquece a essencia o alabastrino vaso ?

Esquece o bosque as virações serenas ?  
Esquece a face a lagrima cahida ?  
Esquece a pomba, no areal perdida,  
O manso lago em que banhou as pennas ?

CORYMBOS

Esquece a corça a avelludada alfombra?  
Esquece a alma o ultimo desejo?  
Esquece a boca o perpassar d'um beijo,  
E póde o corpo se esquecer da sombra?

— Recife.

CORYMBOS

## O CAVALLEIRO OLAF

(H. HEINE — 1869)

Ao Dr. Henrique Mamede

I

Eil-os junto á capella os dois homens — são dois :  
Rubro manto os envolve. Um é rei, outro algoz.  
Diz o rei ao carrasco: « Eil-o emfim! eis o instante :  
Examina o teu braço e a lamina brilhante. »  
O campanario vibra, o som do orgão vòa,  
A subtil multidão da capella se escôa.....  
Pelo meio do povo os noivos vão passando  
E um funebre cortejo os vem acompanhando.

CORYMBOS

Ella, — a filha do rei, muda, abatida e fria,  
Caminha tristemente, e contempla sombria  
Olaf; Olaf, o noivo, Olaf, o cavalleiro,  
Cuja fronte está calma e cujo olhar fagueiro  
Bello e nobre fulgura... Ao rei medonho e irado  
Diz o noivo: — Oh meu pai! eis o instante aprazado  
Em que a fronte de Olaf do tronco decepada,  
Vai rolar a teus pés sangrenta e mutilada!  
Eu sei que é hoje, eu sei! mas deixa-me viver  
Só até meia noite... E' tão triste morrer  
No começo da festa! Ah! por Deus! um instante!  
Um momento de amor! de gozo delirante!  
A dança, o prazer, o vinho, a loucura veloz!  
E á meia noite, oh rei, manda que venha o algoz.

E o rei diz ao carrasco: « Ao lugubre signal  
Da meia noite traz teu cutello fatal ».

II

E enquanto Olaf esgota o phalerno espumante,  
Ella geme e comprime o seio agonisante!  
Mudo, o carrasco espera á porta do salão.  
Começa o baile, a dança, o fugaz turbilhão  
Da walsa! Olaf arrasta a noiva desmaiada,  
E ella vai como a rosa, a folha arrebatada!  
Hirta, louca, arquejante, exanime e sem voz!  
Junto á porta da sala está esperando o algoz.  
E a musica resôa! E todos ali quantos  
Assistem ao festim, dizem por entre prantos:  
«Tão formosos, gentis e desgraçados são!»

E o algoz sempre de pé á porta do salão.  
 Aos sons da orchestra infrene: — Oh meu querido amor,  
 Murmura Olaf, e eu hei de supportar o horror  
 Da morte! só! na terra!? Ah! que supplicio atroz! —  
 E na porta da sala está esperando o algoz.

## III

« — É meia noite, Olaf! Eis a hora aprazada!  
 E já que innodoaste a fronte immaculada  
 D'uma virgem real, será o teu castigo  
 Sepultares teu gozo e o teu amor contigo. »  
 Os monges dão começo ás preces da agonia:  
 Torna-se escuro o céu, fóge a lua erradia.....  
 Desce Olaf ligeiro os degráos das escadas:  
 Vem de tochas cercado e cercado de espadas.  
 Com um sorriso na boca e o rosto illuminado:  
 -- Oh sol! exclama, ch lua! oh astro abençoado  
 Do meu céu-venturozo! Oh! murmurios suaves  
 Do oceano, do vento e das peregrinas aves!  
 E vós, violetas, vós cuja côr azulada  
 São como a côr azul do olhar da minha amada,  
 Eu vos bemdigo e choro! Olhos santos, queridos,  
 Olhos de minha noiva, acolhei meus gemidos  
 Meu suspiro final! E tu, aerea trança,  
 Do bosque a cuja sombra, oh pallida criança,  
 Os meus labios crueis mancharam labios teus,  
 Ah! recebe minh'alma! Ah! recebe este adeus!

— Rio.

CORYMBOS

## A' BEIRA DA ESTRADA

(1867)

— Tu onde vás, Beatriz?  
Diz.

— Não falle tão alto não :  
Vou ver se vejo a Maria,  
Que esteve mal todo o dia  
Não falle tão alto não.

— Coberta assim de rubor,  
Flor?

CORYMBOS

— Meu senhor, por Deus do céu!  
Quem aqui está não lhe engana:  
Olhe... vou ver a Joanna...  
Meu senhor, por Deus do céu.

— Teu labio mentindo está,  
Má!

— Não diga nada a ninguém:  
Vou fallar com meu amante,  
Mas volto já n'este instante:  
Não diga nada a ninguém.

— Recife.

---

CORYMBOS

## ULTIMO ADEUS

(1869)

À J. C.

O never! never more!  
— *Pope.*

Quando teus olhos molhados  
Do pranto da despedida,  
Quando teus olhos, querida,  
Fitarem o mar e os céus,  
Na vaga mais fria e triste  
Que echoar a teus onvidos,  
Irão todos meus sentidos  
Irá meu ultimo adeus.

CORYMBOS

Irá minh'alma invisível,  
Minh'alma perdida e louca,  
Beijar-te a chorosa boca  
Beber os soluços teus;  
Na aragem que a terra ainda  
Banhar de aromas queridos,  
Irão meus sonhos partidos  
Irá meu ultimo adeus.

Ultimo sim! No momento  
Em que me achar isolado,  
Sem ti — amor do passado —  
Sem ti protecção de Deus,  
Hei de ter força bastante  
Para enviar-te aos ouvidos  
Meus derradeiros gemidos  
No meu derradeiro adeus!

— Recife.

CORYMBOS

## NEMESIS

(1868)

Varrida, emfim ! varrida estás da minha mente !  
Seja bemdito o céu e Deus que não consente  
A crença ao pé do mal, ao pé da serpe a flor !  
Seja bemdito Deus, seja bemdito o amor,  
Que não cegou de todo o infeliz tresloucado,  
Que em teus labios bebera o filtro condemnado !  
Emfim ! nobre, orgulhoso e contente me exponho  
D'uma quadra melhor ao despontar risonho.....  
Meu pulso livre está ! Meu ser liberto e altivo  
Calcando a terra em flor póde exclamar : — eu vivo !  
E agora que recebo a intensa claridade

CORYMBOS

De todo o firmamento, e sei que a liberdade  
É a vida, o mar, a terra, a eternidade, o espaço ;  
E agora que estas mãos sem ferros nem cansaço  
Podem cingir sem medo a mão mais alva e pura,  
É que eu vejo, é que eu sondo a negra sepultura  
Do teu medonho encanto e d'esse horrendo amor,  
Onde vivi sem vida um seculo de dor!

Varrida! emfim varrida estás da minha ideia!  
A teus pés arremeço os aneis da cadeia,  
Que prendeu meu destino aos olhos teus, traidora!  
E esta penna com que tracei-te o nome outr'ora,  
Em lodo, em fêl, em sangue, em lagrimas molhada,  
Lanço-a longe de mim que está envenenada!

CORYMBOS

## AO SOM DA VIOLA

(1865)

Ainsi chante au soleil la cigale dorée

— *A. de Musset.*

Ai! fuçamos d'estes ares  
D'este clima e desta côrte!  
Ha tantos sertões no norte,  
Ha tanta flor no sertão!  
As florestas rumorejam,  
Os vagalumes adejam  
Da lua ao frio clarão:  
Um rio o monte retalha,  
Uma só casa de palha  
Domina toda a extençào!

CORYMBOS

Ai! vamos viver de encantos!  
Vem ver quanta liberdade  
Te rouba o ar da cidade  
Te entrega o céu do sertão:  
Ai! quantas manhãs cheirosas!  
Quantas sylvas, quantas rosas,  
Quantos perfumes no chão!  
Na gramma a palha d'um ninho  
A penna d'um passarinho  
Eu e tu e — a solidão.

Has de ouvir talvez chorando  
Os meigos sons da viola,  
Tristes como os ais da rola  
Do matto na escuridão:  
Ah! que saudades, querida,  
Quanta lagrima esquecida  
Não choraremos então!  
E quanto amor, quanto medo  
Prendendo um mutuo segredo  
Nas azas da viração!

Ai! vamos viver bem longe,  
Longe do engano e do mundo,  
N'aquelle exilio profundo,  
Nos braços da criação:  
Foge ao clima em que te abrazas,

CORYMBOS

Vem abrir as tuas azas  
Aos ventos da solidão;  
Perdes os bailes, é certo,  
Mas lá — n'aquelle deserto  
Tens um mundo: — o coração!

— Rio.

CORYMBOS

## RECORDAÇÕES DO MAR

PARAPHRASE — 1865

No album do Dr. A. de Drummond Filho.

Era a hora em que o céu constella-se de mundos:  
E Deus, symb'lo de amor, senhor dos largos céos,  
Mergulha o sol já morto em vagalhões profundos,  
Suspende a lua além -- na vastidão sem véos!

Recordação querida! oh! sonho venturoso!  
O mar vinha talvez de solidões sem fim,  
Rasteiro, meigo, humilde, — em extasi amoroso  
Beijar o teu pézinho envolto no setim.

CORYMBOS

Da bruma illuminada a fronte de Diana  
Pendeu-se e te cercou de limpido fulgor:  
Como o sultão que espreita o somno da sultana,  
Febri! ardendo em gozo e pallido de amor!

Da doce atmospherã a transparencia vinha  
Teu corpo senhoril n'um mar de luz banhar:  
E como o chão d'um throno aos pés d'uma rainha,  
Das praias o tapiz deixava-se calcar....

Oh! se eu pudéra, louco! encarcerar n'um beijo  
Essa nota de amor que minh'harpa afinou!  
Embalde, embalde, sim! Foi um sonho, um desejo,  
Um ai que a brisa trouxe e o vento arrebatou!

— Recife.

CORYMBOS

A UNS QUINZE ANNOS

(1865)

M. L.

Oh! grâce surnaturelle!  
— *Chansons des Bois.*

És doce e pura e saudosa  
Como um perfume de rosa,  
Que pouco a pouco se esváe:  
És como o frouxel d'um ninho,  
Os trinos d'um passarinho,  
Uma petala que cáe.

CORYMBOS

És alva e meiga e divina  
Como a nevoa peregrina  
Da madrugada ao surgir :  
O céu teu riso enamora,  
Os anjos formam a aurora  
Dos raios do teu sorrir.

És casta e nivea e serena  
Como as azas, como a penna  
Que um seraphim esqueceu :  
Quando tu rezas, parece  
Que para ouvir tua prece  
Deus põe mais astros no céu!

Teu ser a musica exhala :  
Teu corpo aromas trescala  
Tudo em ti é luz e amor :  
Tu'alma um jardim resume —  
Cada segredo um perfume  
E cada sonho uma flor!

Às vezes tremes medrosa  
Como o calice da rosa  
Por onde o vento passou...  
E se o rubor te colora,  
Eu vejo romper a aurora  
Aonde o pejo apontou.

CORYMBOS

És triste e casta e suave  
Como o soluço d'uma ave,  
Que entre os ramos se escondeu..  
Se desprendes um gemido  
És como um anjo perdido,  
Que tem saudades do céu!

— Recife.

---

CORYMBOS

## VERSOS ESCRIPTOS NA AREIA

Deus fez o Amor, mas temendo  
Rival tão bello e tão forte,  
Deu-lhe as Lagrimas por guias  
E por companheira, a Morte.

— Bota-Fogo — 186...

CORYMBOS

## HARALDO HARFAGAR

(H. HEINE — 1869.)

A T. A. Araripe Junior.

Haraldo, o rei Haraldo habita o oceano  
Preso nos braços da mais bella ondina :  
Succede o dia ao dia, o anno ao anno  
E a fada cada vez mais o fascina.

Haraldo, o rei Haraldo habita o oceano  
Preso nos braços da mais bella ondina....

CORYMBOS

A regia fronte extasiada pouza  
No collo azul da peregrina fada :  
Ella, o olhar enfia cubiçosa  
No morto olhar da presa fascinada ;

A regia fronte extasiada pouza  
No collo azul da peregrina fada.

Às vezes quando a voz da tempestade  
Vem perturbar o reino das sereias,  
Haraldo treme, luta e na anciedade  
Tenta quebrar as languidas cadeias :

Às vezes quando a voz da tempestade  
Vem perturbar o reino das sereias.

Outras vezes o pobre rei escuta  
Normandas vozes recortando o oceano :  
Novos esforços, — repetida luta,  
Ancia impotente, desespero insano !

Outras vezes o pobre rei escuta  
Normandas vozes recortando o oceano.

CORYMBOS

Mas, ah! se Haraldo cuida ouvir os cantos  
Dos marinheiros que inda o vêm saudar,  
Soluça, geme, e espera, envolto em prantos,  
A voz que foge na amplidão do mar....

Mas, ah! nas brumas vão morrendo os cantos  
Dos marinheiros que inda o vêm saudar!

A branca fada sobre o rei se inclina,  
Olha-o... suspira, — beija-o docemente,  
E o rei se entrega ás tentações da ondina  
Emquanto a vaga róla surdamente.

A branca fada sobre o rei se inclina  
E em beijos sorve a lagrima demente!.....

— Recife.

CORYMBOS

## IGNEZ

(1867)

Oh! dans tes longs regards j'allais tremper mon âme...

— A. de Musset.

N'aquella noite de arroubado enleio  
Em que eu te vi pela primeira vez,  
Pulsou meu peito e estremeceu teu seio :  
Nós viviamos, Ignez!

N'aquella noite de ventura immensa  
Da calma lua á morna languidez,  
Noite de sonhos, de harmonia e crença  
Nós tremiamos, Ignez!

CORYMBOS

N'aquella noite de profundo encanto  
Em que eu cobri o rasto de teus pés  
De loucos beijos, de insensato pranto,  
Nós gozavamos, Ignez!

N'aquella noite de illusões formosas,  
Bafejada de effluvio e morbidez,  
N'aquelle instante de emoções saudosas  
Nós choravamos, Ignez!

N'aquella noite de crueis martyrios,  
— Iguaes áquella o Creador não fez!  
Noite de febre e de infernaes delyrios  
Nós amavamos, Ignez!...

— Rio.

CORYMBOS

## A CHOÇA DO LENHADOR

(1868)

A cauâm piou, alem, na extrema do valle. Cahia a noite.

—*Iracema.*

No dorso da cordilheira  
Tranquilla, humilde, rasteira,  
Á sombra d'uma aroeira,  
Cheia de fructos e flor,  
Exposta ao vento, á invernada,  
Ás chuvas, á trovoada,  
Existe a alegre morada,  
A choça do lenhador.

CORYMBOS

Salvos do mundo ás provanças,  
Vivem n'ella de esperanças,  
Dois velhos, quatro crianças  
Na santa paz do Senhor:  
E o raio que silva irado  
Pelos trovões despenhado,  
Poupa o tecto abençoado  
Da choça do lenhador.

E emquanto loucas, raivosas,  
Nas ribanceiras fragosas  
As torrentes caudalosas,  
Bramem do vento ac furor,  
Um canto agreste e baixinho  
De mãe que emballa o filhinho  
Sáe n'um terno borborinho  
Da choça do lenhador.

Nas longas noites de estio,  
Do vento ao sopro macio,  
Da lua ao clarão sombrio  
Dos céos ao tibio fulgor,  
Como a garça adormecida,  
Nos mattagaes esquecida,  
Alveja a sombra perdida  
Da choça do lenhador.

CORYMBOS

Surge o dia irradiante,  
Desponta o sol fulgurante  
Banhando a serra odorante  
De luz, de vida e esplendor:  
E o vento que a noite espalha,  
Que entre os coqueiros farfalha,  
Canta sorrindo na palha  
Da choça do lenhador.

Oh! dilectos da innocencia!  
Corra-vos sempre a existencia  
Longe da crua inclemencia  
Do mundo ingrato e traidor;  
Não ha na terra nobreza,  
Na terra não ha grandeza,  
Que valha a casta pobreza  
Da choça do lenhador!

Minh'alma agora batida  
Das tempestades da vida,  
Prostrada, exhausta, ferida,  
Do mundo exposta ao rigor,  
Vê-te ainda o tecto amado  
Pelas saudades banhado  
Como um sonho do passado,  
Cabana do lenhador!

CORYMBOS

Era de tarde, ao sol posto,  
Furtiva aragem de Agosto  
Vinha expirar-me no rosto  
Como um bafejo de amor... ..  
As criancinhas brincavam,  
Bandos de rolas voavam  
E as andorinhas pouzavam  
Na choça do lenhador.

Um canto longo e magoado  
Partia o fundo vallado  
E o cavo som d'um machado  
Seguia a voz do cantor :  
Na porta a velha cozia,  
No berço o infante dormia  
Emquanto o fumo sahia  
Da choça do lenhador....

O sabiá na aroeira  
Quebrava a endecha fagueira  
E o bemtevi na palmeira  
Soltava o pio ruidor :  
Os arvoredos gemiam,  
As cachoeiras rugiam,  
Os raios do sol morriam  
Na choça do lenhador.

CORYMBOS

Pela janella entreaberta,  
De murchas rosas coberta  
Sobre a parede deserta  
Sorria a Mãe do Senhor:  
E enquanto a Virgem sorria,  
Deus invisível descia  
E a luz, o pão repartia  
Na choça do lenhador.

Oh! loira tarde perdida,  
Celeste effluvio da vida,  
Oh! cordilheira vestida  
De primaveras em flor!  
Oh! alvas rolas cheirosas,  
Oh! cantilenas saudosas,  
Oh! criancinhas formosas  
Da choça do lenhador!.....

Minh'alma ardente e sombria  
Debalde evoca a harmonia  
D'aquella santa poesia,  
D'aquelle eterno esplendor!  
A gloria, o futuro, o gozo,  
Tudo eu trocára gostoso  
Por um dia de repouzo  
Na choça do lenhador.

CORYMBOS

Mas ah! jamais ser-me-ha dado  
Reconstruir o passado,  
Vestir meu ser isolado  
De luz, de crença e de amor!  
Em vão, em vão meus ouvidos  
Pensam colher os ruidos  
Do matto e os cantos sentidos  
Da choça do lenhador!

Vós, minhas crenças nevadas,  
Como rosas desfolhadas,  
Secais no mundo expalhadas —  
Ludibrio eterno da dor:  
E além, na serra, esquecida,  
Pela Virgem defendida,  
Cria mais flores e vida  
A choça do lenhador.

CORYMBOS

## SONHO CRUEL

(1868)

Eu tive um sonho mau... Quem crê em sonhos?  
Ah! não creias um dia,  
Em sonhos máus, Maria!

Sonhei... Era uma praça enorme e triste,  
Enchia a praça ardente multidão :  
Chegava o réu co'a fronte condemnada  
Pendida para o chão.

CORYMBOS

Pallido o sacerdote, austero e grave,  
Cravava os olhos na amplidão dos céus...  
E o condemnado já na hora extrema  
Lembrava-se de Deus.

Eu segui-o tambem, — vi como os outros  
Junto ao cepo fatal deter-se o réu:  
Maria! o triste, o condemnado, o misero,  
Conheci, — era eu!

Que sonho amargo! Elle subio tremendo  
A negra escaða e como quem gemia,  
Um nome murmurou, um nome apenas,  
O nome teu, Maria!

Branços phantasmas consolar tentavam  
Do condemnado as fundas afflições:  
Era o bando das pombas fugidias  
Das mortas illusões!

E elle beijou a cruz, — do sacerdote  
A benção recebeu, a fronte fria  
Ergueu chorando, — o pobre inda pensava  
Pensava em ti, Maria!

CORYMBOS

E quando o ferro atravessou-lhe as carnes,  
E o sangue espadanou do collo nù,  
Tremi de horror e despertei gemendo...  
O carrasco eras tu!

— Rio.

CORYMBOS

## DOUS INVERNOS

(1869)

Comme vous êtes loin, paradis parfumé !

— *C. Baudelaire.*

— Pallida a fronte virginal pendida —  
A rosa expira ; a planta angustiosa  
Humilhada sucumbe como a rosa  
Nas mãos do inverno gelida e despida.

Entre os sarçães a fonte desvalida  
As derradeiras lagrimas queixosa  
Derrama... Inteira a natureza anciosa  
Vai perdendo o calor, o brilho e a vida.

CORYMBOS

É que lhe falta o sol! Austero o inverno  
A planta, a fonte, a rosa casta e linda  
Impio escravisa ao seu dominio eterno.

Só grande é minha dôr! só ella infinda:  
Pensar em Deus e labutar no inferno:  
Não ver teus olhos e enxergar ainda!

— Recife.

CORYMBOS

## SPES ULTIMA

(1869)

A J. C.

Minha doce illusão ultima e pura,  
Bem dita rosa que plantei sorrindo,  
Tambem te vás, tambem na vaga escura  
Onde todos meus sonhos vão fugindo.

Nem uma estrella guiará teu rumo,  
Nem seio amigo te dará guarida:  
Foge, foge, ventura, esvae-te, fumo!  
Que mal me faz uma illusão perdida?

CORYMBOS

Resta-me apenas a lembrança e é tanto!  
A imagem tua no tremendo dia,  
Em que as ondas seccarem de meu pranto,  
E minha fronte resvallar sombria;

Irá comigo, ao pé de mim, cingida  
Ao collo meu, sempre virente e pura!  
Ella que foi meu astro n'esta vida,  
Será tambem meu sol na sepultura.

E quando, livre dos terrenos élos,  
Minh'alma o espaço percorrer voando,  
Ha de affastar n'um beijo os teus cabellos,  
E os nossos nomes murmurar chorando....

—Recife.

CORYMBOS

## ANIMA MATER

(1869)

Morria o Redemptor! Nas faces lacrimosas  
D'Aquelle que gemia em prol da humanidade,  
Duas lagrimas só! rolaram luminosas:  
D'uma ergueu-se a Razão e d'outra a Liberdade.

Deus revelando assim a eterna omnipotencia  
Do barro inerte e vil formou o homem-rei,  
E morrendo legou-lhe um mundo — a Consciencia  
Onde a luz predomina, onde a razão é lei!

CORYMBOS

A humana legião marchou enthusasmada ;  
A senha do progresso os mundos converteu !  
— *Liberdade e Razão!* E a phrase germinada  
No globo retumbou na abobada do céu !

A fronte desolada ergueu-se altiva e nobre,  
O pensamento alou-se em todo o resplendor :  
A opulencia, a miseria, o forte, o grande, o pobre,  
Bradam fitando os céos: — somos iguaes, Senhor !

A escravidão rojou o dorso moribundo,  
A Idea-Mãe surgio ; — esplendido crisol,  
D'onde a alma rompeu e conquistou o mundo  
Tendo na dextra o gladio e na sinistra o sol !

Fez-se o homem por fim! Á sombra d'elle se ergue  
O evangelho do povo ; astro de redempção ;  
Homem que ha de chamar-se um dia Guttemberg,  
E o futuro escrever com o sangue de Catão !

A Liberdade abrindo as azas triumphantes  
A terra, o mar, o espaço, ardente percorreu,  
E estendendo convulsa as garras chammejantes  
Curvou o negro abutre aos pés de Prometheu !

CORYMBOS

E, Protheu sublimado, o seu aspecto vário  
Encheu de assombro a terra, o mundo deslumbrou.  
Foi Carlota Corday, foi Spartaco, e foi Mario,  
Foi a força, o heroismo, a voz de Mirabeau!

A Natureza anciosa abria os braços grandes  
Á grande irradiação da gloria popular;  
Livre, o genio de Franklin repousou nos Andes,  
E Colombo sorrindo atravessou o mar!

Como phenix da idéa, o Capitolio ouzado  
Cheio de sangue e pó encheu a vastidão:  
Succede a vida á morte, o futuro ao passado  
Á fogueira a tribuna, á força o Pantheon!

Quem pudera partir a eterna fortaleza  
Baseada d'um Deus no lenho salvador?  
Ella que fez vibrar a voz da Marselheza  
A cujos sons a terra estremeceu de horror!?

Ella que atravessou as praças fumegantes  
Da Varsovia immortal! Ella que fez marchar  
Na vanguarda gigante um mundo de gigantes,  
E fez rolar na poeira a estatua do czar!

CORYMBOS

Quem pudera suster-lhe o vôo soberano?  
Quem pudera partir-lhe o suberano arnez?  
Raio, lascou o anel do pulso mexicano!  
Gladio, fulgio nas mãos do Archanjo Juarez!

De polo a polo ouvindo-a, extactico o universo,  
Deu-lhe envolto no sangue um throno por laurel:  
A Hespanha popular offereceu-lhe um berço,  
E aos pés lhe arremeçou a c'roa de Isabel!

Da America gigante as brazileiras zonas,  
Sentindo fluctuar-lhe a sombra na amplidão,  
Viram-na os pés banhar nas aguas do Amazonas,  
E enchugal-os depois na face de Assumpção!

Viram-na entre o fumo erguer-se omnipotente  
E curvar-se, e cuspir no rosto guarany,  
E accendendo de Osorio a lança aurifulgente  
Trocar o fulvo olhar com o olhar de Maurity!

O evangelho do povo em suas mãos fechava,  
Entre o brilho da espada e o brilho do fuzil!  
Cada gesto dos seus a tropa deslumbrava,  
Deslumbrado a seguia o genio do Brazil!

CORYMBOS

E ella ia arrastando a fulgida mortalha,  
Bella, immensa, divina, esplendida e feroz!  
Na sua voz soava a orchestra da metralha,  
E o seu manto arrastava um turbilhão de heróes!

E lambia-lhe a trança o fumo das bombardas!  
Estrellada de sangue a hydra nacional,  
Entre os dentes rasgava as inimigas fardas,  
Enroscada da gloria ao rubro pedestal!

Emquanto a espada, a penna, a intelligencia, o verbo,  
Irmãos gemeos da luz, da humanidade irmãos,  
Formarem-te o cortejo e o teu pendão soberbo  
Tremular senhoril nas brazileiras mãos;

Emquanto a humanidade ouzar erguer-se ufana,  
Arrogante, plebéa, excelsa e triumphal,  
E calcar a seus pés na marcha soberana,  
A corôa cesarea e a purpura real;

Oh! alma do universo! oh astro luminoso,  
Pedestal do porvir! torrente popular!  
Não ha quem te detenha o curso caudalozo,  
Nem Xerxes que acorrente as ondas do teu mar!

CORYMBOS

Tu és a encarnação do excelso christianismo!  
És a ancora immortal que prende a terra aos céus!  
A criação sem ti, seria o cahos, o abysmo...  
Ou mais de um Deus existe ou és o proprio Deus!

— Recife.

CORYMBOS

AOS CORYMBOS

---

Voai! voai, Inspiração divina —  
Filha do amor e do mais casto enleio;  
Ide dormir no seio de Corinna,  
Ide accordar de minha mãe no seio!

— Recife — Novembro de 1868.

---

AO DR. HENRIQUE MAMEDE LINS DE ALMEIDA

*Henrique,*

*Ahi vão os CORYMBOS. Devo antes de tudo participar aos que lerem o livro, que te declaro solidario, direi melhor: cumplice no meu commettimento litterario. A instancias tuas imprimem-se os meus versos: fizeste-te edictor do volume e animaste cordialmente o escriptor: — duplo obsequio que te devo e duas graciosissimas bondades de tua alma que minha alma jamais esquecerá.*

*Não sei como os criticos receberão os rudes acordos de minha agreste musa: em todo o caso é de crer que não sugieitem ás forcas caudinas do methodo e das escolas esses sonhos, esses desejos, essas chimeras cujo unico merito é o de lembrarem momentos que o coração recorda commovido e que a saudade eternamente perfuma.*

*Eu devêra repetir aqui aquellas formosas palavras que servem de introducção ás Corôas Fluctuantes do poeta portuguez.*

*Não serão os meus CORYMBOS também folhas e rosas exparsas, que a correnteza arrebatada, e o esquecimento espera?*

*Embora! resta-me a consolação de ter podido consagrar n'uns versos pallidos as mais santas e castas reminiscencias de minha vida. Recordar-se consolar-se, na phrase do poeta.*

*Aperta-te as mãos, o amigo reconhecido,*

Luiz C. P. Guimarães Junior.

*Recife, Agosto de 1869.*

## NOTAS

---

### *Ao Niemen..... pag. 20*

Esta traducção é um pallido reflexo do celebre soneto do inspirado e infeliz poeta polaco A. Mickiewicz. A traducção franceza em prosa de Ostrowski que servio de modelo, tornou mais difficil o meu commettimento. Traducções de poesia em prosa, na phrase pittoresca de Heine não passam de «*clair de lune empaillé*». Desculpem-me pois os entendedores na materia.

### *Oração á Virgem..... pag. 49*

Estes versos foram espalhados na igreja do Bom Conselho no dia da festa academica a 8 de Setembro de 1866.

### *Aquella que partio..... pag, 57*

Não sei se agradará ao paladar dos leitores esta fórma de sonetos em alexandrinos. Em todo o caso creio que entre nós não é muito vulgar o genero.

### *Innocencia..... pag. 68*

Estes versos de François Coppée foram recebidos calorosamente pela imprensa belga e franceza, quando appareceram pela primeira vez. Eu e o meu distincto amigo e collega Regueira Costa Junior, n'uma hora de desfastio, vertemos ao correr da penna as bellissimas quadras do poeta francez. Eis a razão por que vem n'este volume a elegante traducção de Regueira Costa.

Aproveito o ensejo para declarar aos leitores que muito breve terão de apreciar um volume de traducções d'esse illustre moço cujo talento é tão brilhante quanto é modesto. Será uma bella acquisição para as lettras patrias.

### *Invocação..... pag. 79*

Esta meditação de Lamartine já foi traduzida por uma das mais esplendidas intelligencias de que se póde ufanar o Brazil, -- o Exm. Conselheiro Antonio Peregrino Maciel Monteiro. Só depois de prompta a minha traducção é que tive noticia da brilhante versão do il-

CORIMBOS

lustre finado. É impossivel o confronto, mas a ccondescendencia dos leitores relevará o meu arrojo.

*O Vagalume..... pag. 93*

Esta cançoneta pouco vale litterariamente fallando. A recordação porém que ella evoca é tão grata a minha alma, que eu troco de bom grado esses simples versos assim como outros, escriptos pelo mesmo tempo, por tudo o que posteriormente escrevi.

*Mont'Alverne..... pag. 87*

Esta poesia foi impressa em brochura pouco tempo depois de ser recitada na sessão solemne do *Gremio Scientifico*.

*A Ballada da Flor..... pag. 107*

Nas *Primaveras* do chorado Cazimiro de Abreu ha uns versos inspirados por ideia semelhante. E' possivel que alguma fugitiva reminiscencia das *Primaveras* tenha sido a fonte inspiradora dos meus versos.

*O cavalleiro Olaf..... pag. 124*

São estes versos extrahidos da collecção dos dous *Faustos* de Gerard de Nerval. Lotei na traducção com duas enormes desvantagens para mim : — interpretar a subtiliza do pensamento poetico em primeiro lugar, e transportar para o verso Alexandrino com a rima obrigada em todos os pés, a prosa embora brilhante e pura do traductor de *Fausto*.

*A beira da estrada..... pag. 127*

E' uma leve imitação de H. Murger nas *Noites de inverno*.

*Haraldo Harfagar..... pag. 142*

Esta lenda é traduzida da versão em prosa franceza de Gerard de Nerval, o inspirado traductor dos dous maiores poetas da Alemanha, — Goethe e Heine. Extrahi-o d'uma moderna edição do *Fausto* de Goethe, onde vem outras de diversos poetas allemães.

*A choça do Lenhador..... pag. 147*

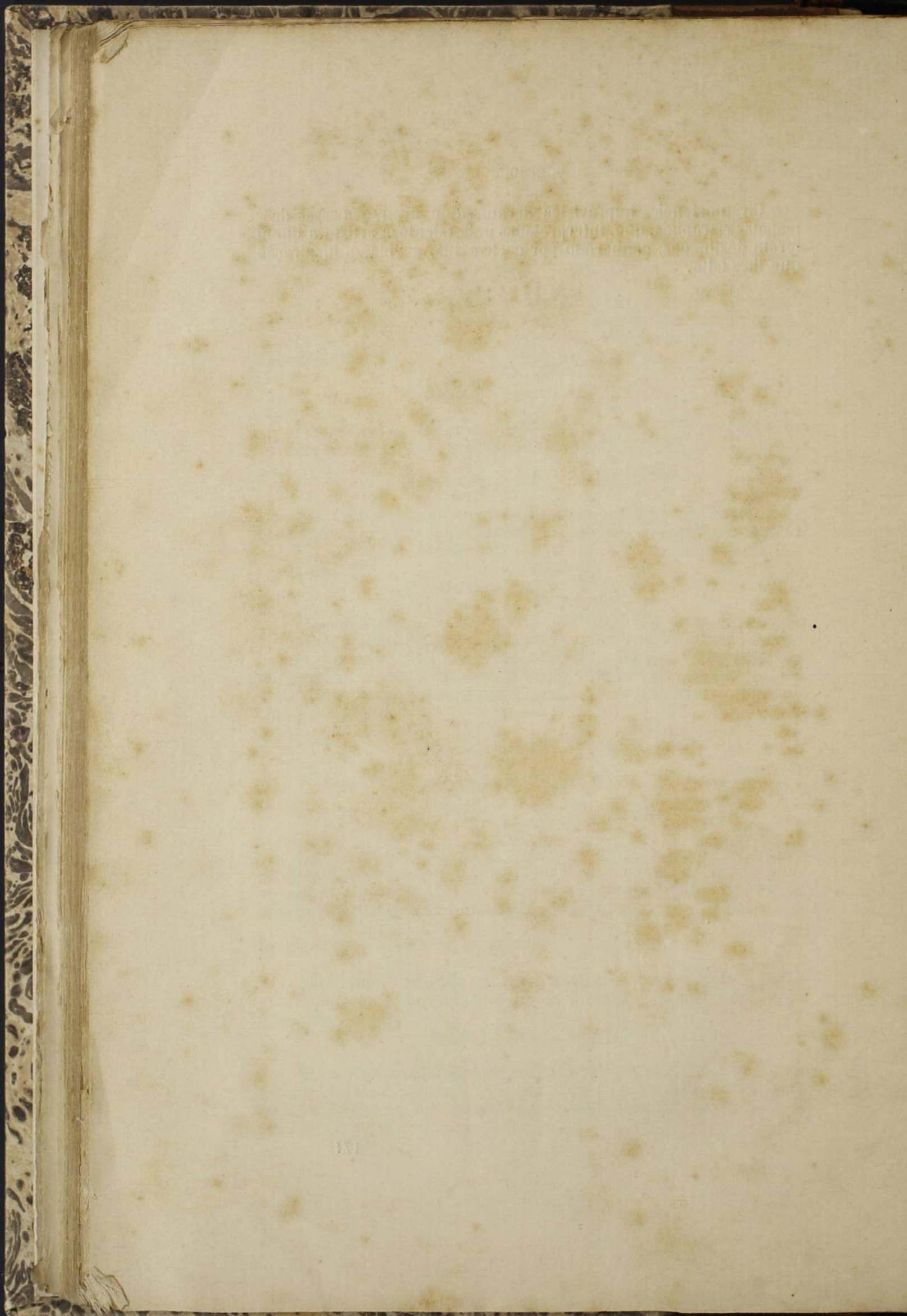
Estes versos não são producto apenas de mero capricho poetico. Prende-se a elles a mais saudosa e casta recordação do tempo passado.

*Anima mater..... pag. 160*

Estes versos expressamente escriptos para serem recitados pela eximia artista dramatica brazileira Julia C. d'Azevedo, foram lidos pelo author na sessão magna da Arcadia Pernambucana a 11 de Agosto do corrente anno.

CORIMBOS

Circumstancias imprevistas deram rumo diverso a essas desmaiadas estrophes, que, interpretadas pela talentosa artista a quem foram destinadas, ganhariam por certo a luz, a vida, a inspiração que lhes falta.



## INDICE

---

Dedicatorias. . . . .	5 e 7
Soneto . . . . .	9
Intima . . . . .	11
Supplica . . . . .	14
O Futuro . . . . .	16
Consuelo. . . . .	18
Ao Niemen . . . . .	20
A Garça. . . . .	22
A Sepultura d'ella. . . . .	24
Satan. . . . .	26
Recuerdo . . . . .	27
Sinhá. . . . .	29
A Barca. . . . .	31
Quatorze versos . . . . .	33
Noite de estio . . . . .	35
Estancias. . . . .	37
Versos azues . . . . .	40
Sorrisos matinaes . . . . .	43
Aspiração . . . . .	45
Lagrima furtiva . . . . .	47
Quadro Flamengo. . . . .	48
Oração á Virgem . . . . .	49
Branca rosa. . . . .	52
Canção . . . . .	55
Aquella que partio. . . . .	57
Noite de luar a bordo. . . . .	59
Candura. . . . .	62
Dia e noite . . . . .	64
Arroubo. . . . .	66
Innocencia . . . . .	68
Innocencia por J. B. Rigueira Costa. . . . .	70
Hymno antigo . . . . .	72
Cantiga em noitede luar . . . . .	76
Invocação. . . . .	79
Versos á um anjo . . . . .	81
O vagalume. . . . .	83
Mont'Alverne. . . . .	87
Serenata. . . . .	96
Tarde de Outubro. . . . .	98

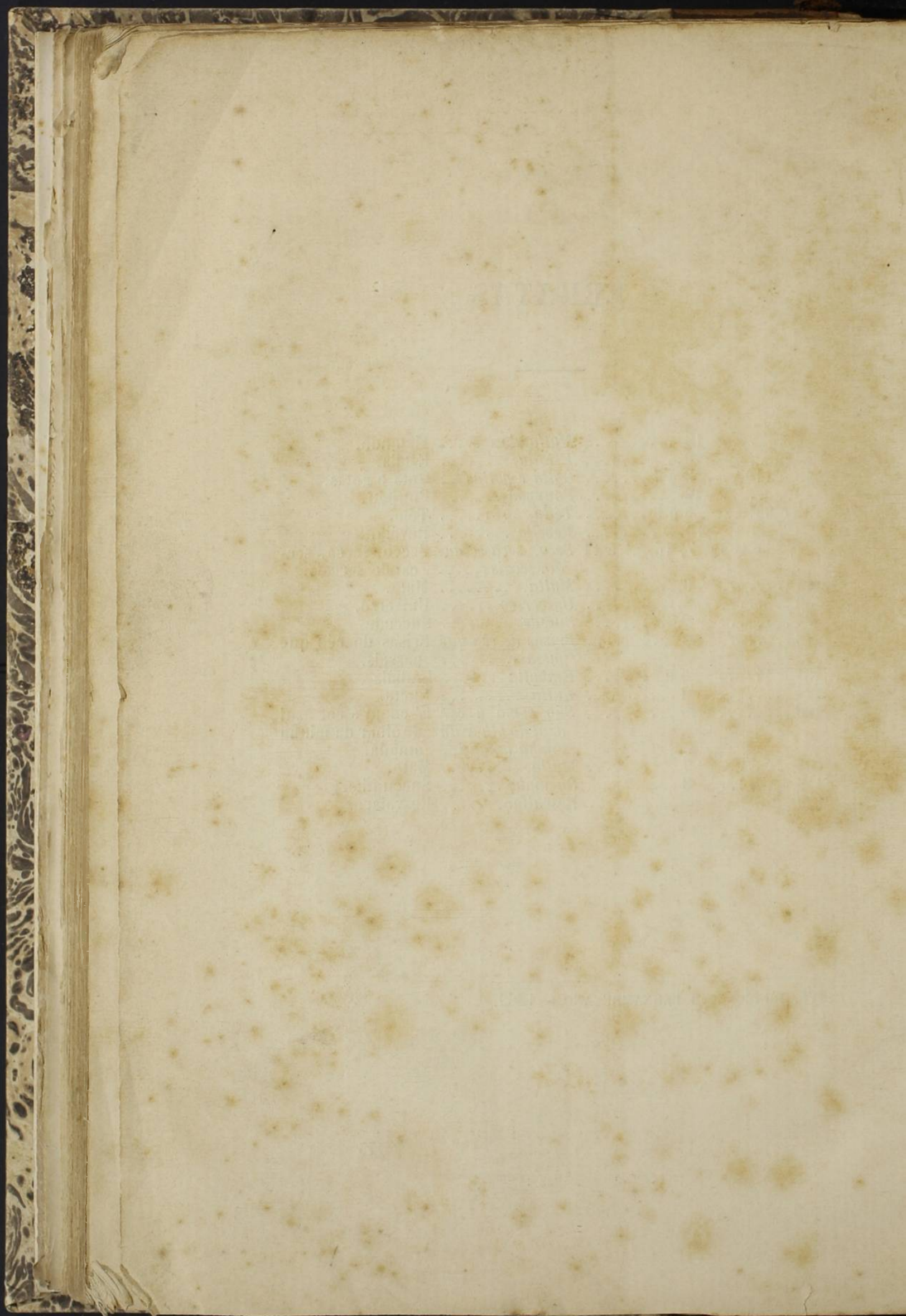
CORIMBOS

O teu amor. . . . .	101
Amemoria d'uma criança. . . . .	104
Mater. . . . .	105
A Ballada da flôr. . . . .	107
O poema do pescador. . . . .	110
Nós dois. . . . .	118
Tres cartas d'ella . . . . .	120
A Corinna . . . . .	122
O cavalleiro Olaf . . . . .	124
A beira da estrada. . . . .	127
Ultimo adeus. . . . .	129
Nemesis. . . . .	131
Ao som da viola. . . . .	133
Recordações do mar . . . . .	136
A nns quinze annos . . . . .	138
Versos escriptos na arêa . . . . .	141
Haraldo Harfagar . . . . .	142
Ignez. . . . .	145
Achoça do lenhador. . . . .	147
Sonho cruel. . . . .	153
Dois invernos. . . . .	156
Spes ultima. . . . .	158
Anima mater . . . . .	160
Aos Corymbos. . . . .	166
Ao Dr. Henrique Mamede Lins de Almeida. . . . .	167

## ERRATAS

---

9.....	13 .....	<i>Mattando</i> .....	Matando.
13.....	16.....	<i>Estalla</i> .....	Estála.
18 e 118...	3 e 7 .....	<i>Gotta e gottas</i> ...	Gota e gotas.
19.....	18 .....	<i>Pouppou</i> .....	Poupou.
24 e 96....	6 e 5 .....	<i>Télla</i> .....	Téla.
25.....	10.....	<i>Revella</i> .....	Revéla.
37, 38 e 152	7, 15, 24 e 11	<i>Seco, seca secando, secais</i> .....	Secco, secca, secando seccais.
44.....	6.....	<i>Matta</i> ....	Mata.
50.....	24.....	<i>Universso</i> .....	Universo.
77.....	2.....	<i>Sucede</i> .....	Succede.
78.....	6 .....	<i>Brisas de céu que passais</i> .....	Brisas do céu que passais.
101 e 148...	6 e 14.....	<i>Emballa</i> .....	Embála.
121 .....	2 .....	<i>Lutta</i> .....	Lucta.
126 .....	19 .....	<i>São como a cor azul do olhar da minha amada</i> ..	E' como a cor azul do olhar da minha amada.
152 .....	7 .....	<i>Matto</i> .....	Mato.
156 .....	3 .....	<i>Sucumbe</i> .....	Succumbe.
159 .....	4 .....	<i>Resvallar</i> .....	Resvalar.





155-2

---

*A publicar-se do mesmo author :*

**RAIOS DE INVERNO**

(versos ineditos.)

---



18415



